



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Centro de Artes e Comunicação

Arquitetura e Urbanismo

Clube Bela Vista: O equipamento urbano de lazer e festa enquanto articulador de diversas funções sociais.

Recife

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
ARQUITETURA E URBANISMO

Laís Pereira de Carvalho

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação de Graduação em Arquitetura e
Urbanismo, da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Arquitetura e
Urbanismo, sob orientação da Professora Iana
Ludermir Bernardino.

Recife - PE

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Carvalho, Laís Pereira de.

Clube Bela Vista: O equipamento urbano de lazer e festa enquanto articulador de diversas funções sociais / Laís Pereira de Carvalho. - Recife, 2023.
70 p. : il., tab.

Orientador(a): Iana Ludermit Bernardino

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo - Bacharelado, 2023.

1. lazer. 2. festa. 3. equipamento urbano. 4. direito à cidade. I. Bernardino, Iana Ludermit. (Orientação). II. Título.

720 CDD (22.ed.)

“Em regime de preguiça, para matar o tempo que nos mata segundo a segundo, haverá espetáculos e apresentações teatrais sempre e sempre.” (Lafargue, 2021, p. 108)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, em especial à minha mãe, Adriana, à minha tia, Amanda, ao meu irmão, Lucas e ao meu avô, Severino, que em todos os momentos estiveram ao meu lado, apoiando, motivando, suportando e muitas vezes sendo a rigidez necessária para que este barco alcançasse este destino.

Agradeço imensamente à professora Iana Ludermir, que aceitou me conduzir nesta jornada e me proporcionou tantos ensinamentos, amadurecimentos e inspirações. Obrigada por tanta paciência, pelo suporte e por toda atenção dedicada a contribuir com este trabalho.

Aos meus amigos, que compartilharam comigo tantas tarefas, festas, memórias e desafios dessa formação. Em especial, agradeço ao meu amigo Matheus, por uma amizade tão gentil e presente. Serei, sempre, imensamente grata pelos fins de semana que dedicou a me ajudar.

Por fim, agradeço a todos os professores do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPE por terem sido fonte de inspiração e sabedoria.

RESUMO

O Clube Bela Vista é um tradicional clube de dança situado em um morro da periferia do Recife, o Alto Santa Terezinha, e é conhecido, principalmente, pela realização de uma festa intitulada Festa da Família Cubana, cujo repertório musical é composto por músicas latinas. A festa é responsável pelo reconhecimento deste espaço enquanto equipamento turístico, o que atrai muitos visitantes a subir o morro. Para além dos momentos festivos, o clube desempenha, ainda, uma atuação local de impacto, que se articula no espaço da festa e produz manifestações de direito ao lazer, à cidade e ao espaço urbano. A partir disto, esta pesquisa busca refletir sobre os papéis desempenhados pelo Clube Bela Vista em três escalas determinadas, a escala urbana, a escala local e a escala regional, partindo de um referencial teórico sobre o lazer e a festa e como essas manifestações se entrelaçam com o espaço urbano.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Mapa - Composição de Bairros do Município do Recife.....	31
Figura 02: Mapa - Região Político Administrativa 2 do Recife (RPA-2).....	33
Figura 03: Mapa - Localização Clube Bela Vista no Recife.....	35
Figura 04: Mapa - Abrangência do raio de 500m.....	36
Figura 05: Mapa - Definição do polígono a partir dos setores censitários.....	37
Figura 06: Topografia da área.....	38
Figura 07: Mapa- Hierarquia das vias.....	39
Figura 08: Mapa - Itinerário dos transportes públicos e complementares com pontos de ônibus.....	40
Figura 09: Mapa - Cheios e Vazios.....	41
Figura 10: Mapa - Equipamentos por tipo.....	42
Figura 11 : Comércio informal nos arredores do clube.....	43
Figura 12: Convite distribuído gratuitamente para a comunidade do entorno.....	49
Figura 13: Pessoas dançando durante a festa.....	50
Figura 14: Reunião do Clube de Mães.....	52
Figura 15: Coordenadora do Clube de Mães lendo orientações.....	54
Figura 16: Salão de dança durante a Festa da Família Cubana.....	58

LISTA DE SIGLAS

CLT - Consolidação das Leis de Trabalho

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LISTA DE QUADROS

Quadro 01- Objetivos específicos e procedimentos.....	10
Quadro 02 - Entendimento de lazer por período histórico e principais referências.....	12
Quadro 04 - Conceituações Espaciais.....	23

Quadro 05 - Matriz dos resultados escala urbana.....	45
Quadro 06 - Matriz dos resultados escala local.....	55
Quadro 07 - Matriz dos resultados escala ampliada.....	62
Quadro 08 - Matriz síntese dos resultados.....	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 TEMPO LIVRE, LAZER E CONTEXTO URBANO.....	11
1.1 A construção histórica do direito ao “ócio” e o lugar que ele ocupa na cidade.....	14
1.2 O Espaço de lazer enquanto articulador de outras funções sociais.....	22
2 CLUBE BELA VISTA: HISTÓRIA E PAPEL SOCIAL.....	25
2.1 Breve histórico.....	26
3 OS DISTINTOS PAPÉIS DO CLUBE BELA VISTA.....	29
3.1 Escala Urbana.....	29
3.1.1 Definição do recorte.....	30
3.1.2 Meio Físico.....	37
3.1.3 Sistema viário e transporte coletivo.....	38
3.1.4 Cheios e Vazios.....	40
3.1.5 Equipamentos públicos, comerciais e culturais.....	41
3.1.6 Caracterização Socioeconômica.....	43
3.1.7 Plano Diretor e LOUS.....	44
3.2 Escala Local.....	46
3.2.1 As festas e os vínculos.....	47
3.2.2 O Clube de Mães.....	51
3.3 Escala Regional.....	55
3.3.1 A Festa da Família Cubana.....	56
3.3.2 O clube convertido em atrativo turístico.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
BIBLIOGRAFIA.....	68

INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa origina-se da aproximação ao Clube Bela Vista, inicialmente através da Festa da Família Cubana. Desde o contato inicial, foi possível perceber que a relação daquele espaço com a cidade se dava principalmente pela prática da festa. Contudo, uma breve observação ao redor dava pistas de que aquele lugar desempenhava muito mais papéis, era possível perceber a presença de pessoas de diversas idades e classes sociais, todas juntas dançando no mesmo ritmo. A estas observações, somavam-se as narrativas veiculadas pela mídia que tratavam deste clube e principalmente desta festa, como um atrativo turístico. Para além de todos esses fatores, o clube se localiza no topo de um morro da periferia recifense, lugar fora da rota dos prestígios e privilégios da planície do lazer.

Nesse sentido, a motivação inicial surgiu da imagem e da narrativa já conhecidas a respeito deste clube. Contudo, ao se aproximar de forma mais cuidadosa e com um olhar mais amplo, facilmente se percebe que este espaço desempenha papéis que vão além da festa. Desde a distribuição gratuita de ingressos e cestas básicas até a atração de turistas estrangeiros, o lazer enquanto uma iniciativa autônoma manifesta em ações a multidimensionalidade transformadora que abraça a realidade urbana. Este clube, pensado por e para a população, utiliza-se do espaço, primordialmente destinado a festa, para abrigar e traduzir necessidades reais, objetivas e subjetivas de quem o produz e do lugar em que se insere.

No entanto, se na festa se deu o contato inicial, na festa também se busca o argumento para compreender aquele espaço. Enquanto objeto de estudo de um trabalho de conclusão de curso de arquitetura, entende-se que as relações socioespaciais que ele desempenha com o entorno devem ser compreendidas para que o território possa ser planejado de forma a acomodar as diversas dinâmicas geradas pela sua presença, bem como preservar todos os seus papéis desempenhados. Parte-se do pressuposto que a realidade socioespacial da cidade reflete o contraste social posto no Brasil e portanto, o lazer e a festa são vias possíveis de apropriação, democratização e produção do espaço urbano mais justo e sensível.

Nesse sentido, no primeiro capítulo, o intuito é compreender a festa enquanto uma dimensão do lazer. Parte-se da compreensão histórica do tempo livre até o estabelecimento da

relação dialética do lazer com o trabalho produtivo e como isso se manifestou no espaço urbano. Aqui, investe-se numa conceituação expandida do lazer a partir de diversas linhas de pensamento, em que a festa aparece como forma de experimentação e consumo da cidade, um exercício de direito à cidade (Lefebvre, 2016.).

Enquanto no primeiro capítulo o foco é no lazer e na festa, a segunda parte deste trabalho procura explicar brevemente a história e o papel social desempenhados pelo Clube Bela Vista até o momento atual. Por fim, o terceiro capítulo é dedicado a relacionar a conceituação teórica a respeito da festa e do lazer, que foram desenvolvidas no primeiro capítulo, com o Clube Bela Vista, visto a partir de escalas determinadas.

O intuito é compreender quais os papéis desempenhados por esse clube a partir de um olhar sensível às minúcias presentes na atuação de um equipamento multidimensional, que visto de perto e de longe tem semelhanças e particularidades a serem consideradas e preservadas. Enquanto um objeto de estudo situado em um morro da periferia do Recife e que tem a festa como seu principal argumento para se relacionar com a cidade, entende-se que seu papel pode ser, facilmente, reduzido, como explica Magnani (2003):

“Em suma, as populações dos bairros periféricos são objetos de atenção e interesse quando se organizam em associações e protagonizam movimentos reivindicativos. Outras práticas, por meio das quais enfrentam o cotidiano, não são levadas em conta, ou então são consideradas obstáculos à percepção de seus interesses e a uma ação política consequente: sua concepção de família é tida como conservadora; suas tradições, resquícios fragmentários de uma cultura rural e pré-capitalista; seus gostos estão descaracterizados por influência dos *media*, seu lazer não passa de escapismo, sua religiosidade é fator de alienação e seus projetos de vida, tentativas frustradas de ascensão social.” (Magnani, 2003. p. 27. grifos do autor)

A partir disso, essa pesquisa tem como objetivo geral caracterizar os papéis desempenhados pelo Clube Bela Vista nas escalas local, urbana e regional. Para atingir o objetivo, optou-se por utilizar categorias provenientes de diversos autores a respeito de três eixos principais: Lazer, Festa e Cidade, que irão gerar uma matriz síntese de conceituação como resultado da pesquisa.

Para atingir o objetivo geral, objetiva-se especificamente: (1) Caracterizar o papel desempenhado pelo Clube Bela Vista na escala urbana; (2) Caracterizar o papel desempenhado pelo Clube Bela Vista na escala local; (3) Caracterizar o papel desempenhado pelo Clube Bela Vista na escala regional.

Quadro 01- Objetivos específicos e procedimentos

Objetivos Específicos	Procedimentos
Caracterizar o papel desempenhado pelo Clube Bela Vista na escala urbana	- Produção de mapas a partir de dados de bases oficiais. - Análise de dados socioeconômicos do IBGE. - Entrevistas - Revisão bibliográfica
Caracterizar o papel desempenhado pelo Clube Bela Vista na escala local	- Entrevistas - Revisar a literatura específica sobre os conceitos que abarcam a pesquisa (lazer, festa, direito à cidade, turismo e consumo cultural)
Caracterizar o papel desempenhado pelo Clube Bela Vista na escala regional	- Entrevistas - Revisão bibliográfica - Revisão de reportagens e notícias.

Fonte: Elaboração própria.

Essa pesquisa é possível através de uma ampla pesquisa teórica associada a uma análise de dados objetivos, como cartográficas e dados socioeconômicos e dados subjetivos, como informações orais, recolhidas a partir de entrevistas semiestruturadas . A metodologia apontada, nesse sentido, é o Estudo de Caso, que permite o aprofundamento nos conceitos que abarcam a pesquisa e análise de dados de diversas naturezas como: Dados cartográficos, informações orais, reportagens e notícias a respeito do clube.

1 TEMPO LIVRE, LAZER E CONTEXTO URBANO

Esse capítulo tem como objetivo apresentar a evolução histórica do entendimento do tempo livre de uma forma mais geral, posteriormente investe-se em explorá-lo sob a perspectiva de duas matrizes conceituais, o lazer e a festa, e sua relação com o contexto urbano. Busca-se, ainda, elucidar em que contexto as cidades brasileiras reproduziram as influências na produção de espaços e políticas públicas para suas cidades. Este entendimento faz-se necessário a fim de se aproximar do contexto de criação do objeto de estudo desta pesquisa.

Inicia-se a partir do entendimento do tempo livre na antiguidade, em dois momentos principais, na Grécia antiga, através do entendimento do ócio e suas manifestações e no Império Romano, através das atividades de caráter recreativo promovidas pelo império como forma de controle social. Posteriormente, na idade média, o lazer e a vida se desenvolvem, primordialmente, no campo e o lazer estava relacionado ao que era permitido no tempo entre o plantio e a colheita.

A modernidade se estabelece com a concretização da dicotomia entre campo e cidade e o lazer nesse período se manifestava na rua e em equipamentos importantes como as igrejas e mercados públicos. A industrialização estabeleceu a cidade enquanto centro produtor, lugar privilegiado e locus do excedente. A lógica de produção capitalista se estende para o território urbano e para os tempos sociais e o lazer passa a ser encarado como um desperdício.

No Brasil, no que se refere a compreensão de Lazer verificou-se durante muito tempo a reprodução das lógicas hegemônicas de conhecimento advindas principalmente da Europa. O livro *Lazer Operário* de Acácio Ferreira, publicado em 1959, é considerado por muitos autores como uma obra pioneira sobre o tema. Destaca-se a visão do lazer como um período de tempo a ser preenchido com atividades que representassem uma ocupação saudável e produtiva do tempo livre. “Lazer é tempo, recreação é expansão dos interesses humanos em tempo de lazer” (p.31 apud Gomes, 2004).

Quadro 02 - Entendimento de lazer por período histórico e principais referências.

Contexto Sócio - histórico	Entendimento de lazer	Palavras chaves	Autores que tratam do tema.	Manifestação arquitetônica e no espaço Urbano
Antiguidade - Grécia Antiga Estabelecimento da Polis. Produção agrária, familiar. Escravidão por prisão militar ou dívida.	Ócio. Destinado apenas a homens livres, considerado um modo de vida nobre.	Olimpíadas, Competições, Encenações, Poesia.	Marcassa (2004)	Estádios, Teatros, Ágoras (praças).
Antiguidade - Império Romano Invasões Bárbaras, latifúndio, a escravidão não correspondia às necessidades de produção.	Recreação. “Equilíbrio” entre trabalho e ócio como manutenção de uma sociedade obediente. Recompensa pelo/para trabalho.	Banhos públicos, Banquetes, Festas, Representações teatrais, combate de gladiadores.	Marcassa (2004)	Grandes arquibancadas, Termas romanas, Teatros.
Idade Média - Cristianismo, Trabalho sobre regime de servidão, a vida se desenvolve nos feudos.	<i>Licere.</i> O que é permitido.	Descanso, Religião, Carnavais, Caça, Competições, Dança e Canto.	Marcassa (2004)	Igreja, Arena de torneios medievais, castelos, selva, o campo.
Modernidade (Séc XVI - XVIII) Crise na estrutura feudal, Mercantilismo, população do campo maior do que das cidades.	Tempo livre. Não fazer nada por obrigação.	Descanso, Religião, Carnavais, Cantos e Danças.	Padilha (2004)	Mercados, Igreja, A cidade.
Séc XIX - Industrialização na Europa, urbanização das cidades, cidade se desenvolve ao redor das fábricas.	Oposto ao tempo de trabalho. Desperdício.	Recuperação do/para o trabalho.	Padilha (2004) Lafargue (2021)	Cidade.
Segunda metade do Séc XIX - Brasil Império, Filosofia higienista.	Algo nocivo para a formação dos jovens.	Educação, Higiene, Moral.	Gome e Pinto (2009)	Escolas
Séc XX- Industrialização no Brasil, urbanização. Periferização das cidades brasileiras	Recreação. Reforço a educação moral de famílias pobres.	Políticas públicas, Formação moral.	Marcassa (2004b) Gome e Pinto (2009)	Equipamentos de recreação.
Década de 1940 - CLT, Jornadas de trabalho máximas estabelecidas.	Direito assegurado por lei. Recreação	Manutenção da ordem. Compensação por/para trabalho.	Gomes e Pinto (2009)	Equipamentos de recreação nas periferias.
Década de 1960 - Golpe Militar de 1964 - direito de garantia ao lazer	Algo a ser garantido através de iniciativas da sociedade civil.	Autonomia. Sociedade Civil.	Gomes (2004)	Equipamentos urbanos comunitários.

em risco, não mais provido pelo Estado. Iniciativa da sociedade civil.				
--	--	--	--	--

Fonte: Elaboração própria.

A compreensão do Tempo Livre é um passo inicial para a compreensão do lazer e suas manifestações. Apoia-se em um entendimento inicial do Lazer como uma destinação possível do Tempo Livre, decorrente das conquistas trabalhistas materializadas na limitação da jornada de trabalho. O acesso ao lazer é entendido, aqui, como um viés de apropriação e produção do espaço urbano, entendendo que a lógica hegemônica das forças de trabalho manifesta-se não só na desigualdade da distribuição dos tempos sociais, potencializadas no processo de industrialização, como também no direito ao usufruto do espaço urbano.

Para Santos (2001), “o tempo é social” e compreendido a partir de noções objetivas e subjetivas que se comunicam entre elas, essas noções são materializadas no entendimento de três dimensões do tempo: o tempo cósmico, o tempo histórico e o tempo existencial. Trata-se, portanto, de entender que o tempo muda à medida que está inserido em determinado contexto ou devido a intensidade em que é vivido, ou seja, a relação das sociedades com o tempo se altera à medida em que se altera a forma como a sociedade se organiza socialmente.

O estabelecimento da cidade como centro produtor é também o estabelecimento de um novo paradigma de percepção do tempo. Durante a Idade Média, o tempo livre se estabelecia a partir dos ciclos de colheita, nesse sentido não se evidenciava a dicotomia entre o tempo de descanso e lazer e o tempo de não-trabalho, o tempo entre o plantio e a colheita era o tempo de festejar, como também era o tempo de dedicar-se a atividades religiosas, ou seja, o tempo “livre” era também o tempo em que se fazia algo por obrigação. A partir da modernidade, com a industrialização, a cidade se estabelece como lugar privilegiado, o locus do excedente, conforme afirma de Lefebvre (2016), a partir disso, altera-se a apropriação social do tempo e as relações passam a se desenvolverem subordinadas a uma divisão de classes, ou seja, uma divisão social do trabalho.

Nesse contexto, o tempo de lazer é o tempo em que não se produz para fins de troca, mas sim para fins de uso e a cidade é o lugar privilegiado onde se manifestam as novas relações estabelecidas com o tempo. Vale mencionar também, que instituições tradicionais como a Família e a Religião, que costumavam ditar os modos de apropriação do tempo livre,

perdem força em detrimento de novas instituições, o Trabalho e o Estado, contudo, este é, também, o início de um processo em que os indivíduos estabelecem uma relação autônoma com o tempo livre.

1.1 A construção histórica do direito ao “ócio” e o lugar que ele ocupa na cidade

O Direito a ter o tempo livre e escolher dedicar-se a uma atividade de escolha pessoal, livre de obrigações é relativamente recente. Na Grécia Antiga, o ócio estava relacionado a um modo de vida nobre, contemplativo, que favorecia o exercício da filosofia e política e se relacionava com o ideal educativo do período: a Paidéia. Entretanto, esse modo de vida destinava-se apenas àqueles considerados cidadãos, isto é, homens livres. Estes dispunham de todo o tempo social para dedicar-se ao desenvolvimento de atividades de ação intelectual. As atividades relacionadas ao trabalho eram consideradas penosas, sobretudo ao trabalho tipicamente corporal e eram destinadas aos escravos. “Como se observa neste contexto, o ócio é expressão de uma experiência particular e demonstrativa da classe dos homens livres e representa, portanto, a liberdade possibilitada pelo não-trabalho numa sociedade escravista verticalmente estratificada.” (Marcassa, 2004).

A construção do Império Romano estabeleceu um novo paradigma em se tratando das noções de trabalho e ócio. Nesse período, o trabalho deixa de representar algo negativo, destinado apenas aos escravos e passa a representar dignidade. A relação entre trabalho e ócio, agora, representa um “modo de vida do homem completo” (Marcassa, 2004).

“É que a conjugação e o equilíbrio entre otium (ócio) e nec-otium (não-ócio, ou seja negócio) e a conversão do ócio à atividade meio e do trabalho à atividade fim, tornam-se condições fundamentais para a manutenção de uma sociedade obediente e mercenária, cujos valores e normas envolviam a submissão ao poder do Estado e respeito aos seus representantes.” (Marcassa, 2004).

É nesse contexto que o ócio ganha um sentido coletivo relacionado à recreação e descanso, uma recompensa e recuperação para/pelo trabalho. Em colaboração a esse novo pensamento, estabelecem-se novos modelos de diversão, que se concretizaram nas construções das grandes arquibancadas romanas, onde eram sediadas lutas sangrentas como forma de entretenimento para a população. “Dessa maneira, o ócio, que até então significava

liberdade, ainda que exclusiva para determinadas classes sociais, converte-se amplamente na própria não-liberdade.” (Marcassa, 2004).

Com a queda do Império Romano e a difusão do cristianismo, o tempo dedicado ao ócio passa a ser manifestado através de duas principais formas: a primeira é a manifestação de uma “classe ociosa” (Marcassa, 2004), que pressupunha uma classe liberada do trabalho e que poderia dedicar seu tempo para o “aprimoramento e exibição de suas habilidades e caprichos, o que leva ao entendimento do ócio como ociosidade” (Marcassa, 2004). A segunda, manifestava-se através da dedicação a religiosidade, uma forma de supervisão imposta pela aristocracia feudal e pelo clero. Nesse sentido, o ócio passa a representar o que é lícito ou concedido, de onde surge o significado do termo em latim *licere*.

Essa retórica a respeito do ócio, baseada numa visão religiosa e interesses das classes burguesas nascentes, contribuem para um processo de "marginalização" do ócio que passa a ser relacionado à ideia de “não fazer nada, de contemplação e preguiça” (Padilha, 2004), ou seja, na verdade o tempo livre deveria ser um tempo dedicado ao que era socialmente aceitável, o que era permitido . Conforme o entendimento de Santos (2001), a relação da sociedade com o tempo se modifica ao modo da organização das sociedades, nesse sentido, a noção de tempo, ou nesse caso, a noção de tempo livre, é mutável e tende a adquirir significados e conotações diferentes a medida que a sociedade evolui.

Segundo Valquíria Padilha (2004), o ser humano estabelece as suas relações sociais a partir da articulação entre o espaço e o tempo. Por isso, a forma de organizar e medir o tempo ao longo da história estabeleceram marcos para a humanidade e para além disso, revelam ,até os dias de hoje, os meios pelos quais se estabelecem as socializações entre indivíduos e grupos, ou seja, a divisão de tempos que determinam atividades sociais a serem exercidas, como por exemplo o tempo para o trabalho, o tempo para a religiosidade, o tempo para o lazer. Contudo, a noção de tempo livre se estabelece através de uma relação dialética entre o tempo de trabalho e o tempo de não-trabalho. Vale salientar que nem todo tempo fora do trabalho é um tempo disponível para o ócio (não fazer nada).

Até o século XVIII, antes da industrialização, a divisão entre o tempo de trabalho e o tempo de não-trabalho não era tão evidente, tendo em vista que os homens tinham mais autonomia em relação ao seu tempo, o padrão de vida alternava entre momentos de trabalho

intenso e de ociosidade, a orientação de tempo social se dava a partir da orientação de elementos da natureza e ciclos de plantação e colheita. Até o século XIX na Europa Ocidental, a população do campo era mais numerosa e maior produtora de riquezas em comparação à população das cidades. Entretanto, “com o avanço industrial as cidades européias se afirmaram como centros produtores no setor econômico, inaugurando uma nova forma de vida social” (Gomes, 2008). Nesse sentido, o uso do tempo se modifica, o homem que antes tinha autonomia sobre seu tempo, agora, precisa sincronizá-lo em função do tempo de trabalho.

“Este tempo vivido no campo vai sendo historicamente substituído pelo tempo calculado, mensurável, previsto, linear e que, portanto, pode ser gasto, desperdiçado, perdido, ganho. A difusão e a popularização do relógio se davam exatamente no momento em que a Revolução Industrial exigia uma maior sincronização no trabalho.” (Padilha, 2004)

O tempo livre, então, se estabelece como oposição ao tempo de trabalho, é medido através do relógio e nesse sentido, agora, pode ser classificado em função da disciplina que os indivíduos respondem às mensagens do relógio, por exemplo a pontualidade e o atraso. Introduz-se, também, a noção de tempo livre, entendida como “um tempo em que não se faz nada por obrigação” (Padilha, 2004), ou seja, o tempo liberado do trabalho passa a ser submetido às ascendentes exigências da produção e do progresso.

Nessa lógica, o “tempo útil” passa a ser valorizado, impulsionado pela lógica de produtividade capitalista que se desenvolvia e o tempo de não-trabalho era considerado desperdício. “O tempo, por mais abstrato que seja, era propagado como mercadoria valiosa e não podia ser desperdiçado porque o tempo era mensurável, ele poderia ser trocado por tudo, até por dinheiro.” (Padilha, 2004)

O movimento Iluminista e o Cristianismo, apesar de à primeira vista terem linhas de pensamento opostas, colaboraram para a condenação da ociosidade. Os iluministas pregavam a valorização da atividade e a exaltação do trabalho e o cristianismo condenou a preguiça a um dos 7 pecados capitais. “No entanto, o tempo livre de ociosidade era condenado apenas para a classe de trabalhadores, pois os setores dominantes das sociedades industriais viam nesse tempo a possibilidade de libertação, criação e alegria” (Padilha, 2004).

Em Paul Lafargue (2021) é possível perceber de forma mais evidente como se dava a desigualdade na distribuição do tempo de trabalho e de não-trabalho entre as classes. Aos operários era destinada uma carga horária de trabalho de 12 horas, já as classes dominantes dispunham de bastante tempo para ociosidade. Por isso, o autor defendia, em seu manifesto, que com o avanço tecnológico advento da Revolução Industrial, com máquinas que possibilitavam uma produção mais rápida, a classe operária deveria reivindicar o “Direito à Preguiça”, através da redução da carga horária de trabalho para 3 horas diárias, que permitiria aos trabalhadores desfrutarem o ócio. O autor atribui a produção de excedente e a necessidade de consumo desse excedente a culpa pelas condições degradantes de trabalho.

“Porque a classe operária, com sua boa-fé inocente, se deixou doutrinar, porque, com sua impetuosidade inata, precipitou-se cegamente para o trabalho e a abstinência, a classe capitalista se viu condenada à preguiça e ao gozo forçado, à improdutividade e ao consumo excessivo.” (Lafargue, 2021)

No entanto, na década de 1970 a produção teórica do sociólogo francês Joffre Dumazedier contribuiu para o entendimento do lazer a partir de um sistema de caracteres específicos, o Caráter Liberatório (liberação das obrigações institucionais), o Caráter Desinteressado (não submetido a um fim), o Caráter Hedonístico (busca pela satisfação) e o Caráter Pessoal (necessidades no indivíduo). O autor entende lazer como:

“[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.” (Dumazedier, 1973, p.34 ,apud Gomes, 2004)

Apesar de considerar as questões subjetivas do indivíduo, como a busca pelo prazer e satisfação de necessidades pessoais, percebe-se, ainda, a influência das lógicas hegemônicas de produção ao vincular o Lazer a um “conjunto de ocupações”. Além disso, o autor entende o lazer como oposição às “obrigações profissionais, familiares e sociais”, que constituem a vida cotidiana. Essa visão é alvo de críticas pois “Trabalho e lazer, apesar de possuírem características distintas, integram a mesma dinâmica social e estabelecem relações dialéticas.” (Gomes, 2004)

Nelson Marcellino, influenciado pela produção de Dumazedier, foi um dos autores que se destacou quanto à ampliação do conceito de Lazer. Para o autor o Lazer é entendido “como a cultura - compreendida em seu sentido mais amplo - vivenciada (praticada ou fruída) no ‘tempo disponível’” (Marcellino, 1987, p. 31. Grifos do autor. apud Gomes, 2004). O autor introduz o entendimento de lazer como cultura superando, assim, o entendimento como “conjunto de ocupações”. (Gomes, 2004)

Do ponto de vista conceitual, a ludicidade é entendida pelos estudiosos brasileiros como um eixo principal da experiência do lazer. Apesar das particularidades no entendimento de cada autor, a ludicidade pode ser constatada em várias abordagens. Segundo Gomes (2004), o lazer é construído socialmente a partir da inter- relação de quatro elementos: O tempo (usufruto do momento presente), Espaço- lugar (local do qual os sujeitos se apropriam), Manifestações culturais conteúdos vivenciados como fruição da cultura) e Ações (fundadas no lúdico- expressão humana). O lazer, entendido a partir do olhar a esses quatro elementos, é percebido como algo essencial na vida cultural do indivíduo e portanto, em um diálogo constante com o contexto em que está inserido.

É importante destacar que vivemos em uma sociedade desigual, capitalista e orientada ao consumo e o lazer, portanto, não está livre de contribuir para o mascaramento dos contrastes sociais, porém, pode representar uma via de democratização e resistência à ordem social injusta e excludente. Nesta pesquisa compreende-se o lazer como uma dimensão da cultura, e como tal, configura-se como um conceito polissêmico intrinsecamente ligado ao modo de vida do ser humano, às suas manifestações no espaço/tempo e seu contexto histórico e econômico. Nesse sentido, esta pesquisa apoia-se na definição dada por Christianne Luce Gomes (2004) para nortear o entendimento sobre os papéis desempenhados pelo Clube Bela Vista.

“Em síntese, entendo o lazer como uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo.” (GOMES, 2004)

Diante disso, o lazer compreende a vivência de inúmeras práticas sociais, tais como a festa, a dança, o esporte, a viagem, entre outros. Na cidade, é comum identificar lugares que

são conhecidos como “espaços de lazer”, por serem o lugar onde se manifesta determinada atividade ou onde, comumente, se celebram festas e eventos, podendo ser um bairro, edificação ou equipamento. “Rua, pátios, praças: todos servem para o encontro das pessoas fora de suas condições habituais e dos papéis que desempenham durante suas rotinas. É no espaço que a destruição acontece, que a não finalidade se materializa.” (Souza, 2010).

Aprofundando-se nas práticas do lazer, percebe-se a Festa como um importante elemento para compreender a articulação do lazer com o espaço urbano. Para o filósofo Henri Lefebvre (2016), após a revolução industrial a cidade ganhou centralidade na vida dos indivíduos, esse processo se deu, principalmente, por uma concentração de poder e das riquezas na cidade, ou seja havia a dominação de uma cidade sobre a outra, a capital. Ainda segundo o autor, no fenômeno da industrialização visto a partir da formação das cidades industriais, percebe-se uma ampliação das periferias fortemente povoadas, das redes bancárias e comerciais-industriais, bem como das redes de habitação, onde é possível notar a presença dos locais de lazer. Segundo o autor:

“O uso principal da cidade, isto é, das ruas, praças, dos edifícios e dos monumentos, é a festa (que consome, improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro)” (Lefebvre, 2016, p. 12).

Lefebvre (2016), destaca ainda a importância dos núcleos urbanos como espaço de manifestação da vida urbana, onde se encontram as sedes de instituições, monumentos, mas também espaços para a realização de festas e eventos. Segundo o autor, é por meio das festas que o núcleo urbano se torna um produto de consumo, ou seja, o consumo do lugar, ainda que desempenhe o papel de lugar de consumo. Isso se dá a partir do estabelecimento de um regime de acumulação flexível do capital, que permite enxergar a festa como um bem cultural de consumo rápido.

Nessa lógica, é ao consumir a Festa, como um bem cultural de consumo rápido, que consome-se a cidade, o espaço. É diante desse quadro que o consumo surge como forma de exercício da cidadania e construção das identidades, como fortalecimento de outros modos de participação social frente a degradação política e a descrença em suas instituições (Souza, 2010). Para Souza (2010), a festa deve ser observada como um fenômeno espacial, segundo o

autor “(...), a festa surge, ao mesmo tempo, como parte fundamental da cidade e forma de garantia do direito à vivência urbana” (Souza, 2010).

“[...] direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade”(Lefebvre, 2016, p.134).

Nesse contexto, é possível compreender a Festa como um elemento fundamental para a sociabilidade urbana, o entendimento de Souza (2010) relaciona-se ao de Lefebvre (2016) sobre o direito à cidade, percebe-se que por meio do consumo da festa dá-se a apropriação do espaço urbano, o consumo do lugar, evidenciando o caráter sócio- espacial deste objeto. “A festa, assim, aparece como uma operação propositiva e transformadora, de criação, de produção de subjetividades coletivas” (Canuto, 2016).

Para Durkheim (2012), a festa pode ser compreendida a partir de três características: 1) a superação das distâncias entre os indivíduos, 2) a produção de um estado de efervescência coletiva e 3) transgressão das normas coletivas. Dessa forma o que se coloca em evidência é o sentido de coletividade, o indivíduo é superado em nome do grupo e reafirma-se enquanto “ser social”. “São centenas, ou até mesmo milhares de pessoas que se encontram no espaço rumo ao instante de não-produtividade” (Souza, 2010).

Nesse sentido, a festa é um exercício de exaltação do coletivo, que por meio da apropriação do espaço urbano é capaz de produzir novas espacialidades, identidades e temporalidades. A festa rompe com a lógica da vida cotidiana e por isso é um potente viés de articulação da experiência dos corpos com a vivência urbana e coletiva. Para além da superação do indivíduo, os momentos de lazer e festa direcionam os indivíduos para o reforço de vínculos sociais, através do reconhecimento e pertencimento aos “Pedaços” (Magnani, 2003), tipos particulares de sociabilidade e apropriação do espaço urbano em que os indivíduos se reconhecem e humanizam os espaços. Para Galera (2019), a festa é:

(...) um exercício radicalmente democrático em que, por meio da multidão, de conflitos, de processos de auto-organização, tentando superar a dicotomia do sagrado e do profano, do público e do privado, do corpo e da alma, com o riso encarnado nos corpos e nos espaços, produzir-se-ia uma cidade com maior humanidade, presença e afetos.” (Galera, 2019)

A definição de Galera (2019) relaciona-se com o fato apontado por Marcos Souza (2010), sobre a Festa ter se tornado um “elemento urbanizador”, como explica em sua crítica “É possível notar que boa parte das intervenções “imaginadas” seguem o caminho de valorização da cultura como atrativo turístico, (...)”. Ele aponta uma tendência em se considerar elementos culturais para pensar nas intervenções e investimentos na cidade. Muitas vezes, motivados pelo interesse financeiro nas atividades relacionadas ao turismo.

Choay (2006) aponta para o desenvolvimento da “sociedade lazer e o turismo cultural” como principais responsáveis pela expansão do interesse do público por monumentos históricos na era moderna. De forma que:

“Ora a cidade histórica, assim como o monumento individual, é transformada em produto de consumo cultural - reutilização ambígua, no melhor dos casos lúdica, e que dissimula sua natureza museal-, ora pode ser destinada a fins econômicos que se beneficiam simbolicamente de seu status histórico e patrimonial, mas que a ela não se subordinam.” (Choay, 2006, p.224, grifos do autor)

Ainda que a autora esteja se referindo a recortes históricos de cidades, é possível perceber que o mesmo acontece com equipamentos urbanos destinados ao lazer e a festa, são “promovidos” a produtos de consumo cultural e passam a influenciar a dinâmica urbana em que estão inseridos. “a urbanização propaga-se segundo as linhas de força traçadas pelas redes dos grandes equipamentos” (Choay, 2006, p.236)

Quadro 03- Referencial Teórico.

	Autores	Entendimento	Desenvolvimento
Lazer	Gomes (2004)	Relação dialética tempo, espaço, manifestações culturais e ações.	Noção de ludicidade.
	Magnani (2003)	“Pedaço”	Sociabilidade e apropriação do espaço urbano.
	Canuto (2016)	Subjetividades Coletivas	Operação propositiva, transformadora e de criação
	Durkheim (1968)	Superação do Indivíduo em nome da coletividade.	Superação das distâncias; Estado de Efervescência coletiva; Transgressão de normas.

Festa	Galera (2019)	Exercício de produção da cidade.	
Cidade	Lefebvre (2016)	Bem cultural de consumo rápido. Principal uso da cidade.	Consumir = apropriar do espaço urbano.
	Souza (2010)	Elemento urbanizador.	Garantia da vivência urbana.
	Choay (2006)	Lazer e turismo.	Turismo e consumo cultural.

Fonte: Elaboração própria

Diante disso, faz-se pertinente o estudo e a compreensão da influência do Clube Bela Vista , um equipamento urbano de uso comunitário e de grande relevância para o seu entorno, relacionado a celebração de festas e difusão de lazer no Alto Santa Terezinha, Água Fria, Recife, Pernambuco. Para os fins desta nos baseamos no Clube Bela Vista enquanto um equipamento comunitário, com base na definição estabelecida na Lei Federal nº 6.766 de 19 de dezembro de 1979 (alterada pela Lei 9.785, e já em revisão pelo Projeto de Lei 3.057, de 2000) que trata do parcelamento do solo urbano;

§ 2o - Consideram-se comunitários os equipamentos públicos de educação, cultura, saúde, lazer e similares.

1.2 O Espaço de lazer enquanto articulador de outras funções sociais

Nesta pesquisa, os momentos de lazer e de festa são compreendidos enquanto motores da vida social, geradores de vínculos, reconhecimento de grupos e formadores de identidades, que através da ruptura com a lógica da vida cotidiana, proporcionam vivências urbanas plenas. Para Couto (1981), os equipamentos urbanos de lazer desempenham importante função para o equilíbrio social, político, cultural e psicológico de uma população, pois funcionam como fator de escape das tensões geradas pela vida contemporânea em comunidade. É importante destacar ainda, que para além das práticas de lazer, muitos equipamentos urbanos comunitários podem desempenhar ações de impacto para a comunidade a qual estão inseridos e nesse sentido, o lazer e a festa atuam enquanto articuladores de outras funções sociais.

Para Ana de Pellegrin (2004), Espaço de Lazer é um termo genérico que, de modo geral, diz respeito a lugares onde se desenvolvem ações voltadas ao lazer. Do ponto de vista da cidade, o espaço de lazer diz respeito à organização, distribuição e as possibilidades oferecidas por diferentes equipamentos ou vazios urbanos de abrigarem atividades de lazer. Segundo Milton Santos (2007), cada cidadão tem um “lugar socioeconômico”, que lhe dá mais ou menos possibilidades de acesso aos bens e serviços da rede urbana, ou seja, o espaço de lazer está submetido a uma mesma lógica hegemônica de poder, em função do capital e da produção.

Quadro 04 - Conceituações Espaciais.

Termo	Autor	Definição
Espaço de Lazer	Pellegrin (2004)	Lugar onde se desenvolvem ações voltadas ao lazer.
Lugar Socioeconômico	Santos (2007)	O lugar determina o acesso a bens e serviços na rede urbana.
Equipamento Comunitário	Lei Federal nº 6.766 de 19 de dezembro de 1979	§ 2ª - Consideram-se comunitários os equipamentos públicos de educação, cultura, saúde, lazer e similares

Fonte: Elaboração própria

No Brasil, principalmente na segunda metade do século XIX, a ideia de lazer para as massas estava vinculada a ideia de práticas pedagógicas de educação, voltadas ao desenvolvimento físico dos corpos e a disciplina das crianças nas escolas, motivadas por uma filosofia higienista em que acreditava-se que o tempo vago era nocivo ao desenvolvimento social, devendo ser preenchido com atividades recreativas consideradas saudáveis, higiênicas e moralmente educativas (Gomes e Pinto, 2009). Havia uma preocupação com a formação do novo cidadão, para que este respondesse às demandas da nova sociedade em formação.

Já no século XX, a industrialização e o impulsivo processo de urbanização das cidades brasileiras já colocavam em evidência os problemas relacionados às desigualdades sociais e periferização das cidades, passa-se a considerar também a formação moral de famílias pobres e operárias, através de práticas recreativas, como “reforço à insuficiente educação praticada no ambiente doméstico” (Marcassa, 2004b). Isso colaborou para a instituição de políticas públicas voltadas a criação de equipamentos urbanos comunitários de lazer, tendo como pioneiros os projetos das cidades de Porto Alegre, através da criação Serviço de Recreação

Pública em 1926, e da cidade de São Paulo, que espelhando-se na experiência de Porto Alegre, criou em 1935 o Departamento de Cultura e Recreação (Gomes e Pinto, 2009).

“Travestidos de “serviço social”, ou seja, prestando às famílias pobres assistência mínima necessária, promoviam valores e saberes a respeito da ordem e da disciplina, da aquisição de hábitos saudáveis, da ocupação útil e adequada do tempo livre, e forjavam corpos vigorosos, porém dóceis e comportamentos submissos nas suas relações sociais de classe e na sua condição de força de trabalho no mercado capitalista.” (Marcassa, 2004b)

Percebe-se, portanto, que a recreação como conteúdo do lazer, contribuiu para a instituição de equipamentos comunitários de lazer que exerciam, além da função recreativa, um tipo de regulação social, reforçando as relações de poder e dominação e apoiando-se em um caráter assistencial, tendo em vista as desigualdades sociais postas. Em 1º de maio de 1943, com a Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), as jornadas de trabalho máximas e os períodos mínimos de descanso foram estabelecidos. Segundo Gomes e Pinto (2009) essa legislação desencadeou um problema de caráter social a resolver, que associou o tempo livre assegurado em lei aos operários à necessidade de desenvolver propostas de recreação encarregadas de promover a racional organização desse tempo de “não trabalho”. A ideia de um “tempo livre” como direito é considerado uma conquista da classe trabalhadora, todavia, não se pode dizer que havia, de fato, liberdade, o tempo de não trabalho deveria ser ocupado com atividades que representassem a compensação e estabilização do indivíduo para voltar ao trabalho, bem como a manutenção da ordem social.

Após o golpe militar, iniciado em 1964, estabeleceu-se no Brasil um novo paradigma nas relações de trabalho. Esse novo período deu ênfase ao trabalho, colocando de lado as horas destinadas ao não trabalho e diminuindo as iniciativas estatais para a promoção do lazer. Nesse contexto, ampliou-se, gradativamente, a preocupação com os usos do tempo livre por parte de muitos setores sociais numa tentativa de mantê-lo dentro dos limites da lei e normas morais estabelecidas socialmente (Gomes e Pinto, 2009).

Apesar de influenciados pela filosofia higienista burguesa, é possível perceber que o lazer tornou-se parte essencial do cotidiano das massas, impulsionando iniciativas autônomas de setores sociais da sociedade. Através dessas iniciativas, o lazer, não mais provido pelo Estado, agora, é pensado por e para a população “a noção de autonomia atravessa o campo do

lazer, sugerindo que o que difere o uso do tempo livre será a atitude empregada nesse evento.” (Galera, 2019)

2 CLUBE BELA VISTA: HISTÓRIA E PAPEL SOCIAL

O surgimento do Clube Bela Vista se deu através da iniciativa de três amigos, Romildo Andrade, Walter Inácio e Vicente, que ao observar um cinema abandonado em seu bairro enxergaram a oportunidade de criação de um clube de dança. O clube teve o surgimento oficial em 24 de outubro de 1980, quando da publicação de seu estatuto, no Alto Santa Terezinha, comunidade localizada no bairro de Beberibe, zona norte do Recife, porém sabe-se que suas atividades iniciaram antes de sua oficialização. O clube surgiu para ser um espaço de dança e festa da comunidade, seus fundadores gostavam de dançar e sentiam falta de um local na comunidade que pudesse abrigar atividades festivas de dança. Hoje, em sua programação há festas rotineiras, como as Manhãs de Sol e as Festas da Família Cubana e as festas Sazonais, eventuais shows com artistas contratados.

Enquanto uma iniciativa autônoma, a criação de um clube de dança na década de 1970 a 1980, em um contexto de um regime autoritário de Ditadura Militar no Brasil, em que vários direitos foram desconsiderados e violados e a repressão era uma expressão comum, a criação de um espaço de lazer em um morro da periferia da zona norte do Recife é um ato revolucionário, pois diante de tantos contrastes sociais e dificuldades de acesso às necessidades básicas como alimento, transporte, vestimenta, o acesso ao lazer nem sempre é tido como uma prioridade.

É importante destacar que o clube nasce de uma falta, uma necessidade não suprida pelo Estado, de um espaço de lazer destinado à dança e ao longo do tempo vai assumindo outros papéis para com a sua comunidade, como o acesso ao esporte e atividades assistencialistas. Vale destacar, ainda, o pioneirismo em garantir acesso ao lazer antes mesmo deste ser considerado um direito constitucional. Em 1985, com o término da ditadura militar no Brasil, promulgou-se em 1988 a nova Constituição Federal Brasileira. Nela o lazer foi formalmente reconhecido como um “direito social”, no artigo 6º, descrito abaixo:

“Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à

maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 90, de 2015)”

Nesse contexto, é através do lazer e da festa que se estabelece o exercício da democracia e da autonomia dos sujeitos, produzir o lazer é, nesse sentido, produzir a cidade, apesar de, como também, refletindo seus conflitos e contrastes sociais, mas também com dança, festa e acolhimento. Na tentativa de compreender as multifunções do Clube Bela Vista, foram feitas entrevistas com diretores e fundadores deste clube, busca-se aqui, situar, brevemente, a história e atuação deste clube ao longo dos anos.

2.1 Breve histórico

As primeiras festas do Clube Bela Vista iniciaram alguns anos antes de 1980, não há registros da data exata de início. Sabe-se que sua fundação oficial se deu em 24 de outubro de 1980, quando da publicação de seu estatuto. Ao longo dos anos, o clube teve várias gestões, um de seus fundadores morreu e outro se afastou da gestão do clube. Romildo Andrade, um de seus fundadores, é o único da formação inicial que se mantém envolvido com o clube. Sabe-se que houve um período em que o mesmo chegou a se afastar da direção do clube, por problemas de relacionamento com outros gestores, mas voltou para realizar a primeira Festa Cubana do Clube Bela Vista, festa que viria a ser a maior referência e “carro chefe” do clube.

“O tempo passou, as pessoas foram abandonando, o Vicente infelizmente veio a falecer e o Binha (Valter) entregou a parte dele, pediu um valor e ele disse que tava muito esgotado. Aí eu fiquei aqui sozinho, aí convidei um amigo meu chamado Roberto Barbeirinho pra ficar aqui comigo, ele trouxe uns “valorezinhos” também, mas eu sou um cara do certo. Infelizmente Roberto Barbeirinho tinha um cunhado que vivia envolvido com pessoas não... a índole dele não era igual a minha, e eu me desentendi com Roberto, então pedi a ele a minha parte e saí. Um mês depois que eu saí ele não aguentou, aí passou pra o irmão de Batista, o Marcos, e foi o Marcos que me deu a autorização para eu fazer uma (festa) Cubana.” (Romildo Andrade, Clube Bela Vista, informação verbal, 2023)

Atualmente, a estrutura de gestão do clube funciona com 1 presidente, 6 diretores, que se dividem na gestão de festas e atividades desenvolvidas no clube e 6 apoios, responsáveis pela segurança. Segundo o Presidente do Clube, atualmente há, ainda, 220 associados, que se beneficiam da programação mensal de festas do clube. Para se associar é necessário ter idade

acima de 18 anos, morar na vizinhança ou bairros próximos ao Clube Bela Vista, além disso, é necessário conhecer ou ser apresentado a um dos diretores. Os associados pagam uma mensalidade de R\$30 (trinta reais), que permite acessar qualquer programação do clube sem pagar nada mais por isso. Há, ainda, uma reunião mensal, sempre na primeira quarta-feira de cada mês, onde é apresentada a programação de festas e atividades do mês e onde se discutem investimentos e melhorias para o clube.

A programação do clube conta com festas rotineiras e eventos sazonais. As festas rotineiras do clube são a Festa da Família Cubana, que acontecem nos primeiros e terceiros domingos de cada mês, Manhã de Sol, que acontecem nos segundos e quartos domingos de cada mês, e Revivendo o Passado, que acontecem aos sábados. Há, ainda, os eventos sazonais, como o Encontro de DJ, e shows com artistas convidados. Nesses eventos são cobrados ingressos para o público em geral, com o valor médio de R\$10 (Dez reais), no entanto, a cobrança de ingresso não é encarada como um fator limitador para aqueles que não podem pagar o ingresso, a gestão do clube tem como costume a distribuição de ingressos para a população de baixa renda que more no entorno, apenas determinado um horário limite de chegada aos eventos.

Apesar de ser um equipamento de caráter privado, ter associados que pagam mensalidade e cobrar ingressos para acesso a sua programação, o clube tem uma ampla atuação de caráter público, como a distribuição gratuita de ingressos para pessoas da comunidade. Ao longo do tempo, o clube foi se tornando uma referência na comunidade como um espaço de lazer, mas também foi adquirindo outras funções, como por exemplo, a sede de um clube de futebol de jogadores da comunidade. Na ocasião, o clube chegou a participar de campeonatos, entretanto, por conflitos entre o então presidente do Clube Bela Vista e a Federação Pernambucana de Futebol, o time foi impedido de prosseguir competindo nos campeonatos e o clube decidiu não mais ter um time de futebol.

O clube desempenha, ainda, funções assistencialistas, principalmente com as atividades desenvolvidas no chamado Clube de Mães, iniciativa ativa até hoje que promove a distribuição de cestas básicas para mulheres da comunidade e eventualmente, atividades de conscientização e educação, como palestras e cursos. É um espaço de acolhimento destinado a mulheres de baixa renda da comunidade, com reuniões que acontecem mensalmente, sempre na primeira terça-feira de cada mês.

Hoje em dia, o clube é conhecido principalmente pela realização da festa intitulada Festa da Família Cubana, que tem o enfoque em repertórios de música latina, como salsas, guarachas, boleros, dentre outros. Segundo relatos, a “Cubana” foi idealizada por Romildo Andrade para ser realizada aos domingos, por ser o dia em que o clube tinha maior déficit de público. Entretanto, havia uma resistência do então diretor do clube em permitir a realização da festa, tendo em vista que o repertório de músicas “latinas” era mal visto e relacionado a comunistas e eventos que acabavam com brigas e confusão. A primeira “Cubana” foi realizada em 27 de Setembro de 1989, encabeçada por Romildo Andrade e com apoio de um grupo de 11 amigos, dentre eles Valdir Portugues, já falecido, e Edinho Jacaré, discotecários responsáveis pela festa cubana, que se responsabilizaram pela divulgação, gestão do clube durante o evento e seleção do repertório musical. O evento foi um grande sucesso, teve recorde de público e foi incluída no repertório de festas rotineiras do clube, começando com uma realização mensal e depois ampliada para duas vezes ao mês.

“Eu tinha me afastado fazia uma média de 8 anos já, de 6 a 8 anos, me aborreci mesmo e tinha me afastado, mas mesmo com a volta de Marcos, no início, eu só vinha aqui pra brincar. Nem dizia que fui fundador, nem dizia que fui diretor, não dizia nada, vim exclusivamente pra brincar. Aí eu vinha aqui no sábado, a festa tá razoável, aí eu vinha no domingo, a festa não tinha ninguém, uma casa grande dessas com 20, 30 pessoas dentro. Eu andava por aí, é óbvio que a comparação ela influi muito. Eu andava por aí, via essas casinhas pequenininhas de festa lotada, em festa cubana. Mas em se tratando de um clube grande como esse, eu achava que aquilo não podia tá acontecendo, aí insisti com Marcos para fazer uma (festa) Cubana.” (Romildo Andrade, Clube Bela Vista, informação verbal, 2023)

Até os dias de hoje, essa festa é responsável por atrair muitos visitantes, algo que dialoga com uma repercussão midiática do clube enquanto atrativo turístico, tanto de outras regiões da RMR, quanto de fora dela e até internacionalmente, chegando a ser considerada carro chefe da programação do clube e responsável pelo reconhecimento do mesmo enquanto difusor da cultura cubana no Recife. Esse reconhecimento se deu, principalmente, através de dois momentos marcantes para a história do clube, o primeiro foi a homenagem recebida através do troféu Gregório Bezerra pela divulgação da cultura Cubana, na XIV Convenção de Solidariedade a Cuba e o segundo, foi a visita de uma comitiva do grupo musical cubano *Buena Vista Social Club*, que aconteceu em 2009.

3 OS DISTINTOS PAPÉIS DO CLUBE BELA VISTA

Em sua rotina de funcionamento, o Clube Bela Vista desenvolve diversas atividades, a partir das quais é possível ter uma leitura dos papéis desempenhados por este clube. Existe um papel comunitário desempenhado na escala local, que desencadeia diversas relações e valores atribuídos. É possível perceber, ainda, um papel relevante desempenhado na escala urbana, gerando dinâmicas em seu entorno imediato de forma a influenciar questões relativas à mobilidade, questões socioeconômicas, dentre outros aspectos. Por fim, percebe-se também, um papel desempenhado e compreendido a partir de uma escala ampliada, uma escala regional, através da notoriedade que este clube conquistou ao longo dos anos, que atrai diversos turistas e visitantes de várias localidades.

Com base nas referências dos autores Pellegrin (2004) e Santos (2007), a respeito de espaço de lazer e lugar socioeconômico (quadro 04), somada a definição da advinda da lei nº 6.766 de 19, a respeito de equipamentos comunitários (quadro 04), este clube será analisado a partir dessa perspectiva multiescalar. O lazer e a Festa e sua conceituação, já visitadas nesta pesquisa (quadro 03), serão utilizadas enquanto ótica norteadora para a leitura deste clube.

Inicialmente, o clube será apresentado na sua escala urbana. Nesta escala, serão trazidos aspectos de um diagnóstico urbanístico, com vistas a caracterizar o seu entorno imediato definido a partir de um recorte estabelecido nesta pesquisa, a ser construído segundo seus aspectos socioeconômicos, de mobilidade e fluxos, de uso do solo, dentre outros. Em seguida, o clube será caracterizado a partir das suas dinâmicas locais, articulando a festa as atividades e dinâmicas do cotidiano do bairro e as relações desencadeadas por elas. Por fim, serão trazidos aspectos que contribuíram para a notoriedade regional conquistada por este clube, articulando o discurso oral, coletado por esta pesquisa, ao discurso midiático e ações de incentivo ao turismo.

3.1 Escala Urbana

Este tópico tem como objetivo analisar o papel do Clube Bela Vista a partir de uma escala urbana, para tanto apoia-se na compreensão de Souza (2010) que entende a festa enquanto um “elemento urbanizador” (quadro 03), desta forma, um possível meio de

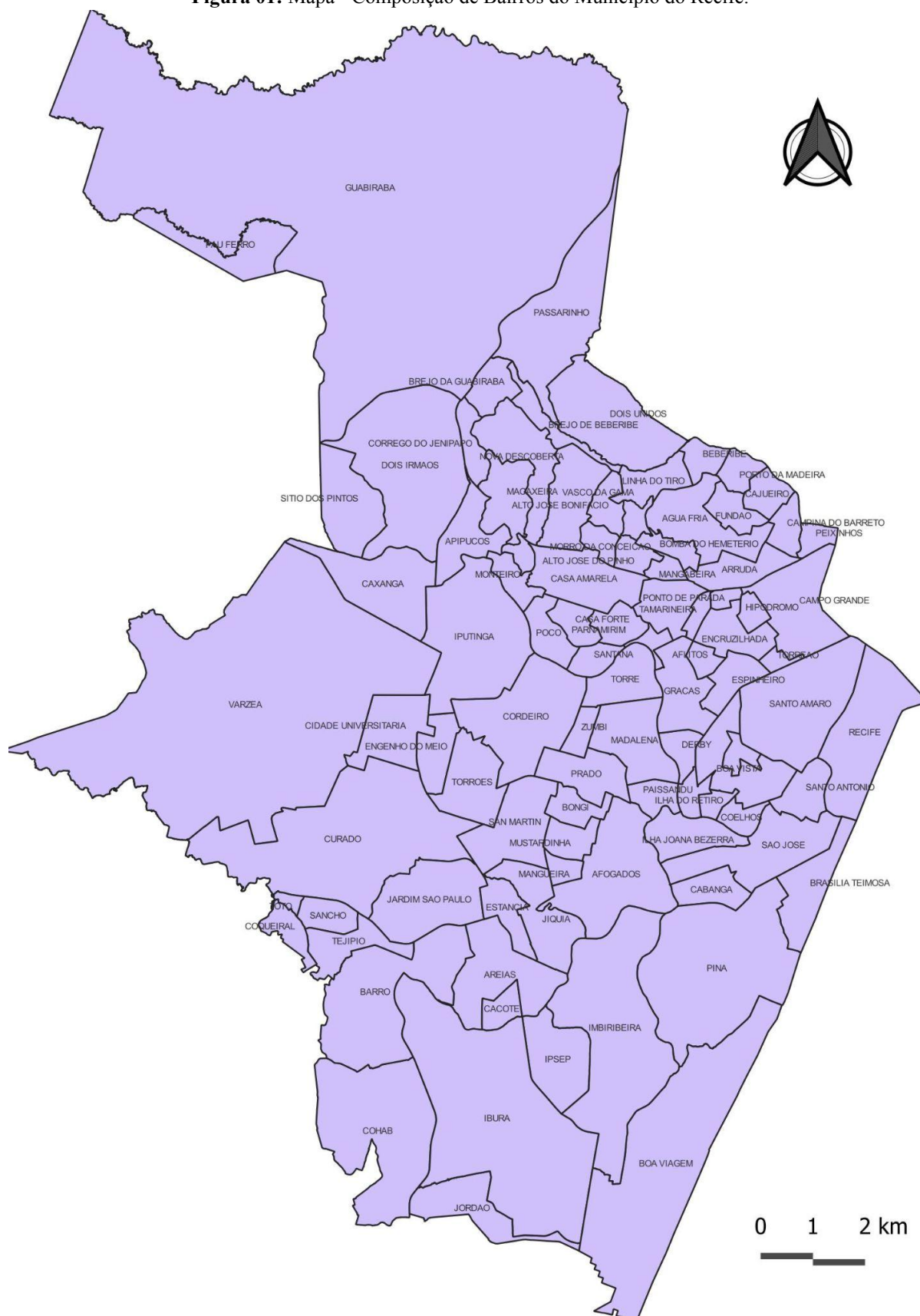
modificar e produzir o espaço urbano. Apoiada a essa conceituação, busca-se, agora, compreender como se manifesta a atuação do clube em seu entorno imediato. Utilizou-se o método de aplicação de entrevistas semiestruturadas, buscando compreender, através do discurso oral, de que forma e em qual a abrangência se dá a atuação do Clube nessa escala. Com base nas informações coletadas em entrevistas, definiu-se um recorte de interesse para análise desta pesquisa, com vistas a representar as relações espaciais em uma base cartográfica. Apoiase em bases de dados oficiais disponibilizadas pela Prefeitura do Recife e base de dados dos Setores Censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

3.1.1 Definição do recorte

Para a definição do recorte, esta pesquisa apoiou-se nas informações orais coletadas a partir de entrevistas semiestruturadas, foi possível ensaiar alguns recortes de influência. Nos relatos orais, é possível perceber que a atuação do clube repercute tanto em escala local, a escala dos bairros vizinhos, como em escala metropolitana, atraindo visitantes de outros bairros da Região Metropolitana do Recife. Há, ainda, um alcance internacional, que segundo relatos, é responsável por atrair visitantes de diversos países.

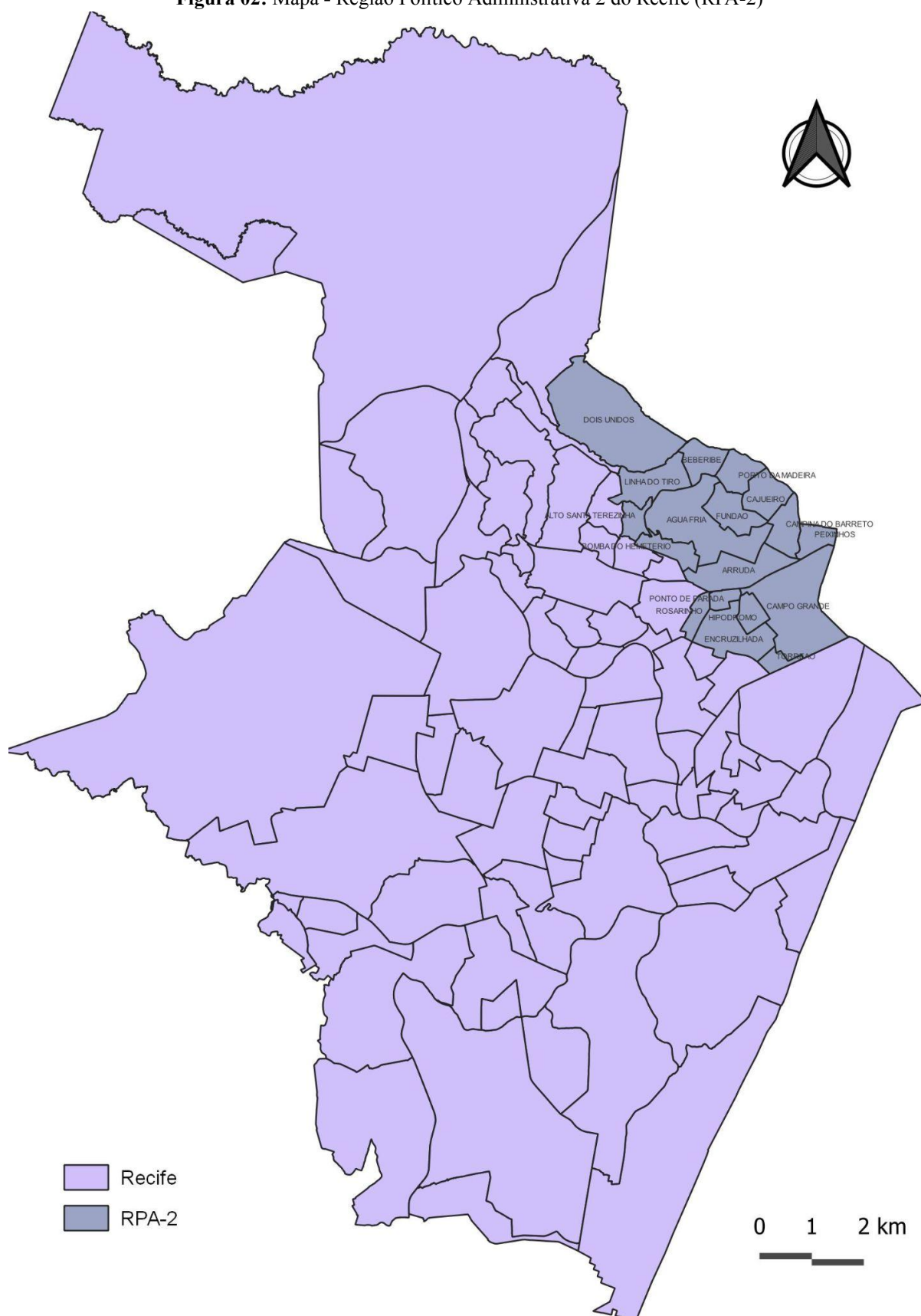
Com vistas a observar a dinâmica urbana gerada pela presença deste equipamento, optou-se por trabalhar em uma escala local, referenciada através de um raio de influência de 500 metros, apenas com bairros do município do Recife. Apesar do entorno do Clube Bela Vista ser composto, também, por bairros do município de Olinda, para os fins desta análise optou-se por utilizar apenas uma base cartográfica, tendo em vista que não há uma base de dados unificada para os dois municípios.

Figura 01: Mapa - Composição de Bairros do Município do Recife.



O município de Recife é composto por 94 bairros, que são divididos em 6 regiões político administrativas (RPA). O Clube Bela Vista está localizado na comunidade conhecida como Alto Santa Terezinha, no Bairro de Beberibe, RPA 2, zona norte do Recife. A RPA 2 é composta pelos bairros: Arruda, Campina do Barreto, Campo Grande, Encruzilhada, Hipódromo, Peixinhos, Ponto de Parada, Rosarinho, Torreão, Água Fria, Alto Santa Terezinha, Bomba do Hemetério, Cajueiro, Fundão, Porto da Madeira, Beberibe, Dois Unidos e Linha do Tiro.

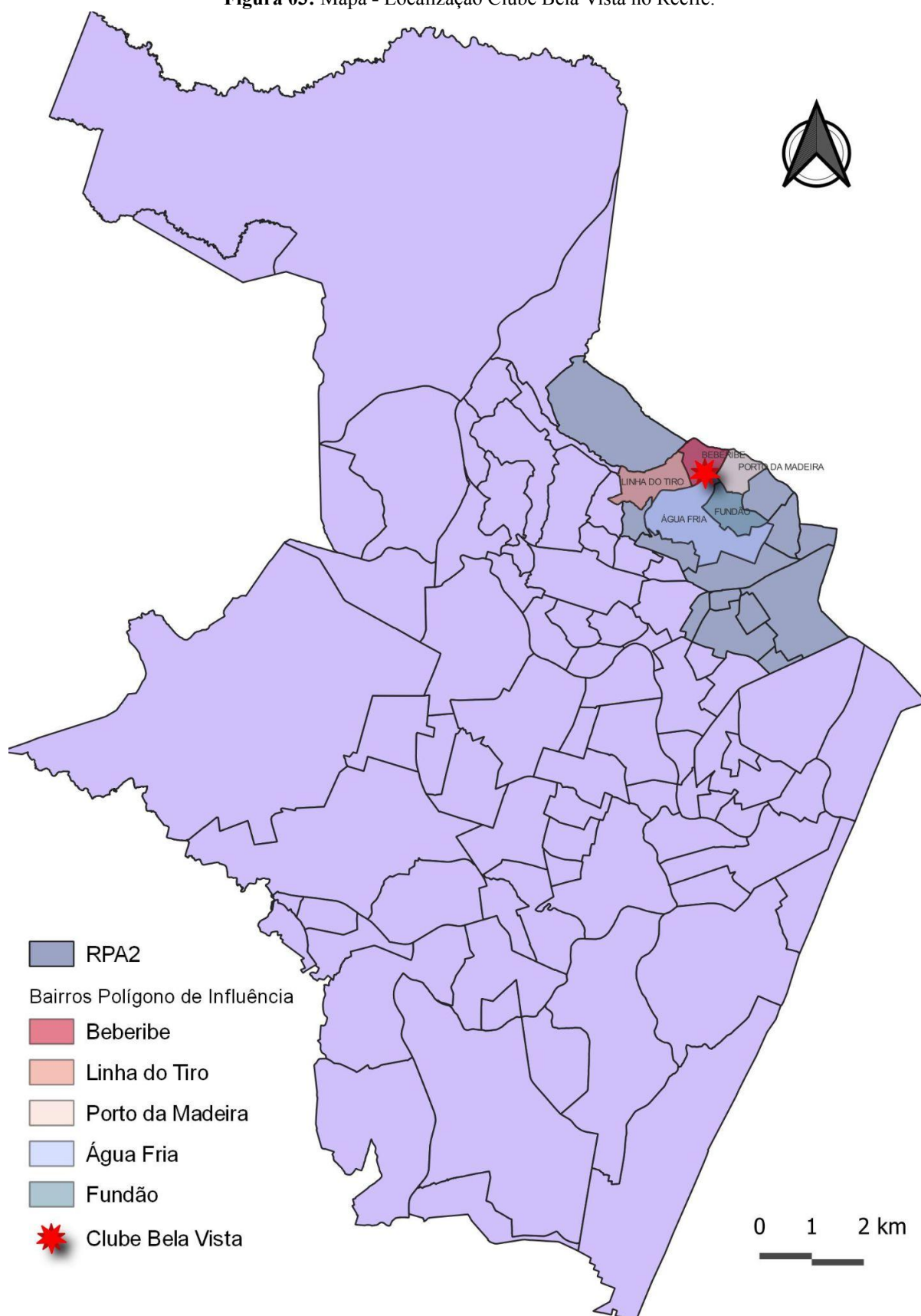
Figura 02: Mapa - Região Político Administrativa 2 do Recife (RPA-2)



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da Prefeitura do Recife (2019)

Para os fins desta pesquisa, definiu-se um raio de influência de 500m, tendo como ponto central o Clube Bela Vista. A definição de uma unidade de 500m baseou-se no entendimento de que a área analisada deveria ser um raio caminhável, tendo em vista a abrangência principalmente local do clube. Segundo Gehl (2013), considerando a percepção das pessoas, a caminhada de 500m é um tamanho ideal. As bases de dados utilizadas serão a base de dados de 2010 dos setores censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e dados disponibilizados pela Prefeitura do Recife.

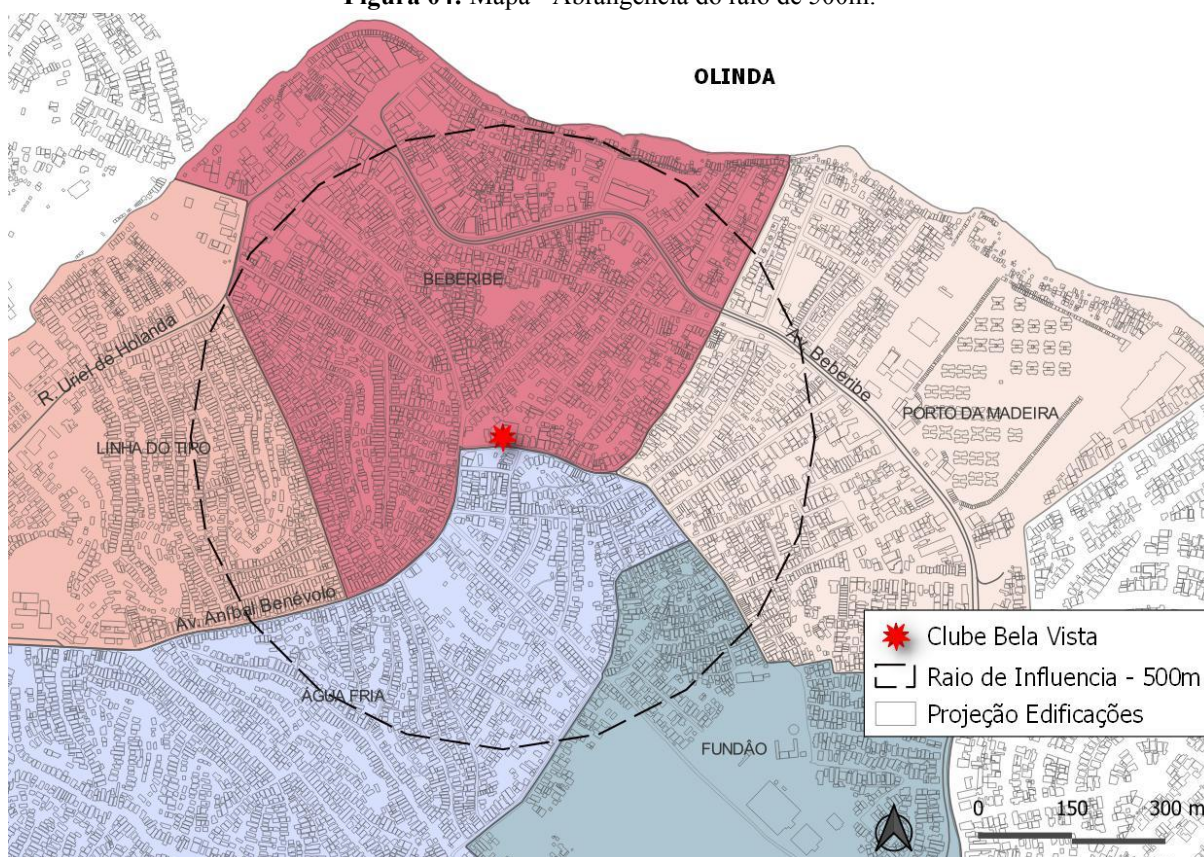
Figura 03: Mapa - Localização Clube Bela Vista no Recife.



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da Prefeitura do Recife (2019)

Segundo o IBGE, o setor censitário é a unidade territorial estabelecida para fins de controle cadastral, formado por área contínua, situada em um único quadro urbano ou rural, com dimensão e número de domicílios que permitam o levantamento por um recenseador. Ou seja, são unidades territoriais com dimensões variáveis, portanto, para a definição do recorte buscou-se sobrepor o raio de 500 metros pré-estabelecido inicialmente, sobre a malha de setores censitários, mantendo como ponto central o Clube Bela Vista.

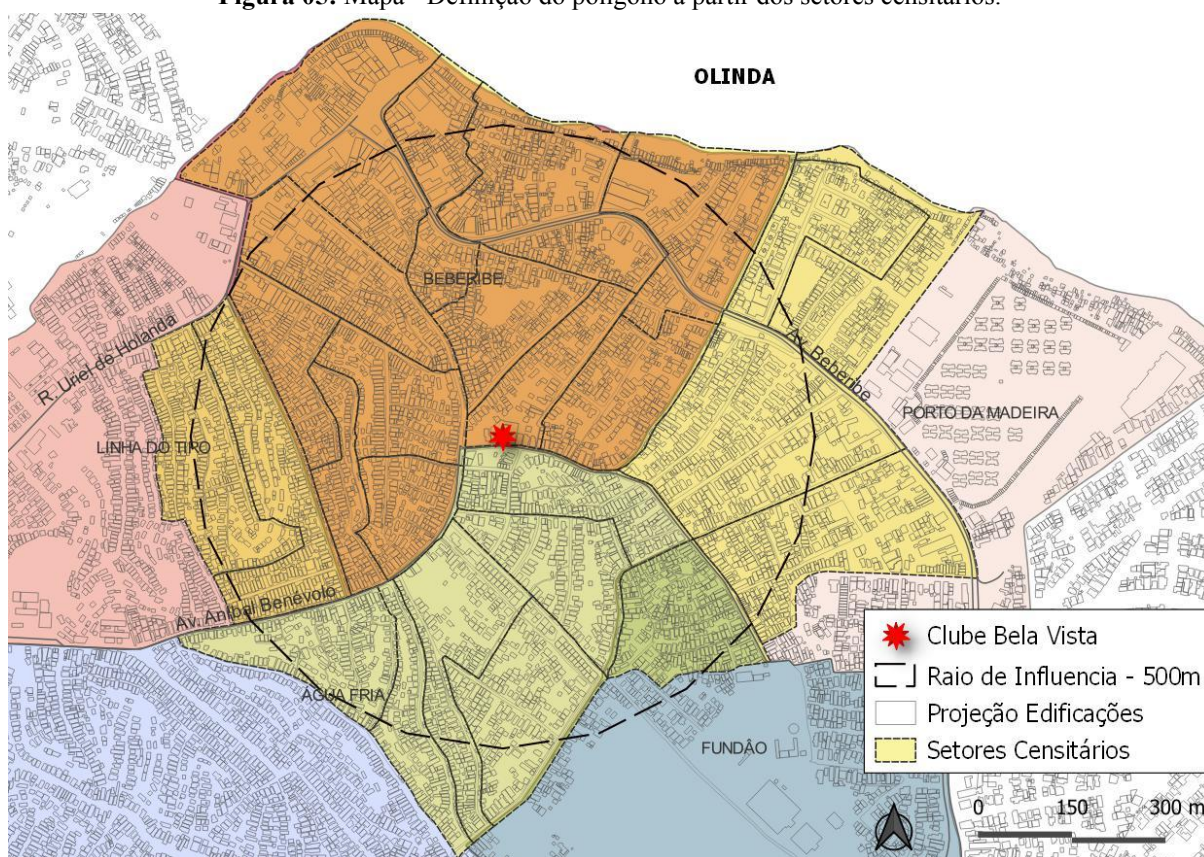
Figura 04: Mapa - Abrangência do raio de 500m.



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da Prefeitura do Recife (2019)

Ao sobrepor o raio de 500m na malha de setores censitários, abrange-se o total de 25 setores do tipo urbano, correspondentes aos territórios de 5 bairros diferentes. Sendo 12 deles localizados no bairro de Beberibe, 06 localizados no bairro de Água Fria, 04 localizados no bairro Porto da Madeira, 02 localizados no bairro da Linha do Tiro e 01 localizado no bairro de Fundão. Todos esses bairros estão localizados na Região Metropolitana do Recife, RPA 2, com distâncias do Marco Zero que variam entre 5,95 km e 7,05 km. Optou-se por excluir o setor censitário nº 261160605190001, localizado no bairro de Fundão, pois apenas uma parcela mínima de sua área está dentro dos limites do raio de influência.

Figura 05: Mapa - Definição do polígono a partir dos setores censitários.



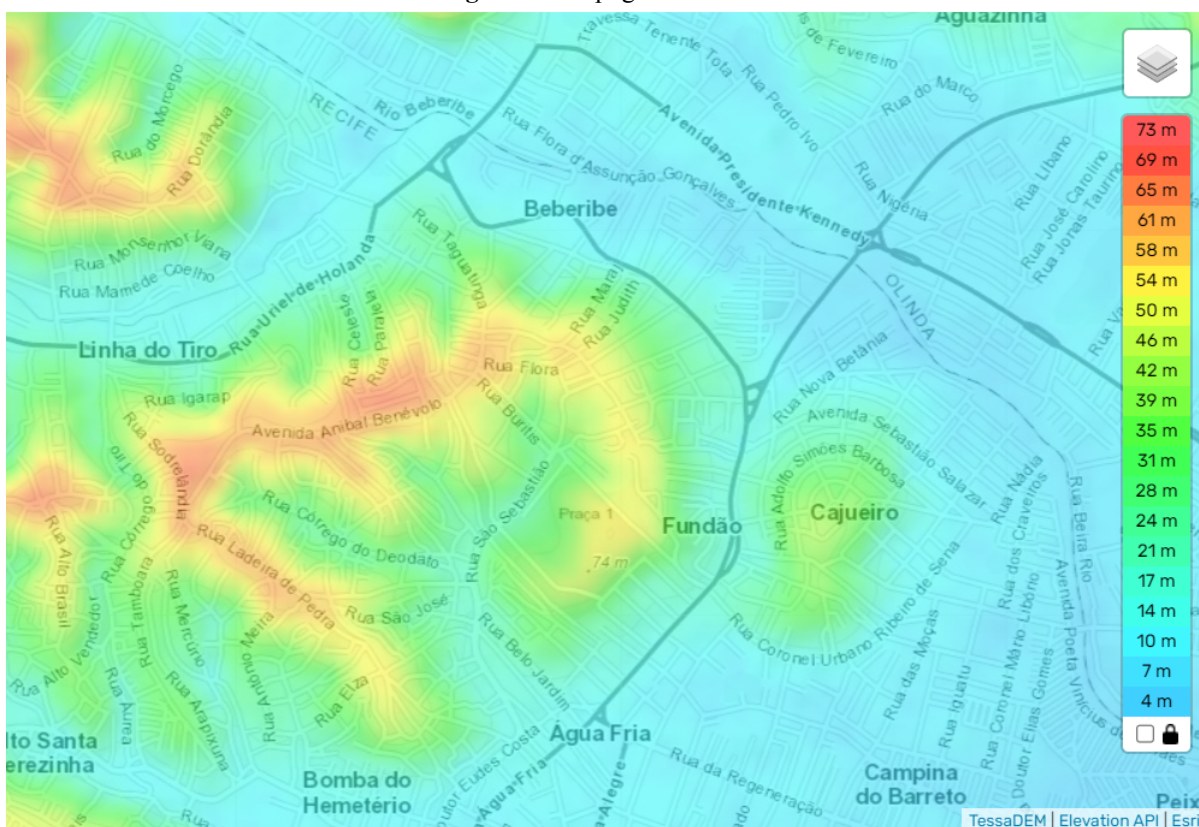
Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da Prefeitura do Recife (2019) e IBGE (2010).

O polígono de influência possui área total de 1,08 km², formado pelos setores censitários, foi gerado usando o software Qgis 3.22.6 e foram utilizados a unibase de Recife e dados da projeção dos lotes de 2019, disponibilizados pela Prefeitura do Recife, bem como, a base de setores censitários de 2010, disponível para *download* no site do IBGE.

3.1.2 Meio Físico

As condições topográficas do polígono de influência evidenciam as condições gerais de ocupação da RMR. Segundo dados do Manual de Ocupação dos Morros (2003), a Região Metropolitana do Recife tem cerca de $\frac{3}{4}$ de seu território constituído por relevos movimentados, ou seja, constituída por morros. Sabe-se, que a ocupação dos morros do Recife se intensificou principalmente na década de 1940, principalmente por segmentos pobres da população, que obrigados a se retirar das áreas mais centrais do Recife passaram a ocupar terrenos pouco propícios à construção, principalmente através de ocupação espontâneas.

Figura 06: Topografia da área.



Fonte: topographic-map. Acesso em: 11 setembro de 2023.

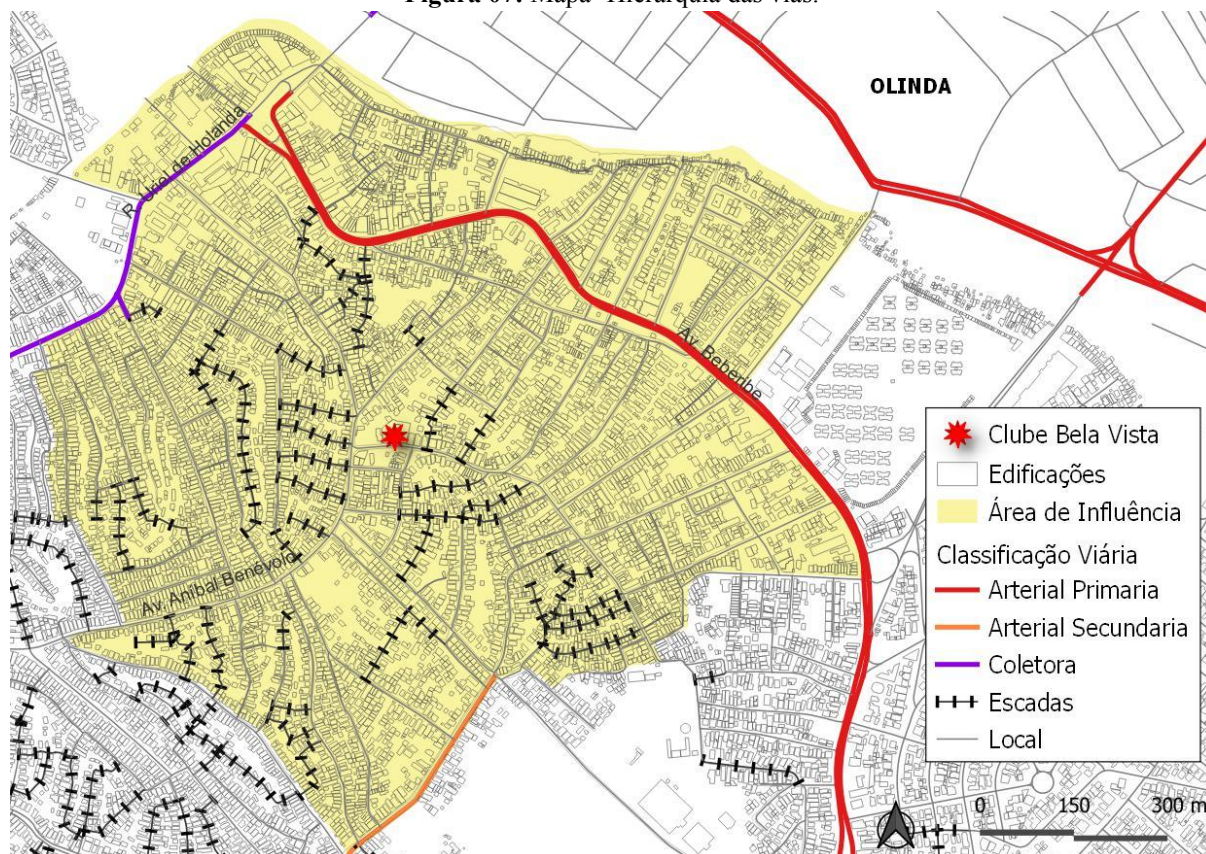
A área onde se encontra o Clube Bela Vista fica no topo de um conjunto de morros, conhecidos, principalmente, como Alto Santa Terezinha e Alto do Céu, com altitude média de 65m acima do nível do mar. As condições topográficas do polígono de influência se caracterizam pela presença de um conjunto de morros circundados por planícies, que apresentam em média 20 m acima do nível do mar. A variação entre o ponto mais alto e o mais baixo do polígono de influência é de 56 m.

3.1.3 Sistema viário e transporte coletivo

Como já mencionado, o polígono de influência analisado por esta pesquisa abrange o total de 5 bairros. A via mais relevante, de acordo com a hierarquia das vias, é a Av. Beberibe, classificada enquanto uma via arterial primária. A Av. Beberibe conecta os bairros de Água Fria, Fundão, Porto da Madeira e Beberibe, podendo ser considerada a principal forma de acesso ao recorte de interesse desta pesquisa. Outra via, classificada como arterial secundária, é a Rua São Sebastião, que liga o centro comercial de Água Fria às comunidades dos “Altos”.

Destaca-se, ainda, uma via classificada como coletora, a Rua Uriel de Holanda, localizada no bairro de Linha do Tiro. A via se conecta à Av. Beberibe e ao longo de toda sua extensão existem alguns conjuntos de morros, tornando-a, uma das principais vias de escoamento dos mesmos.

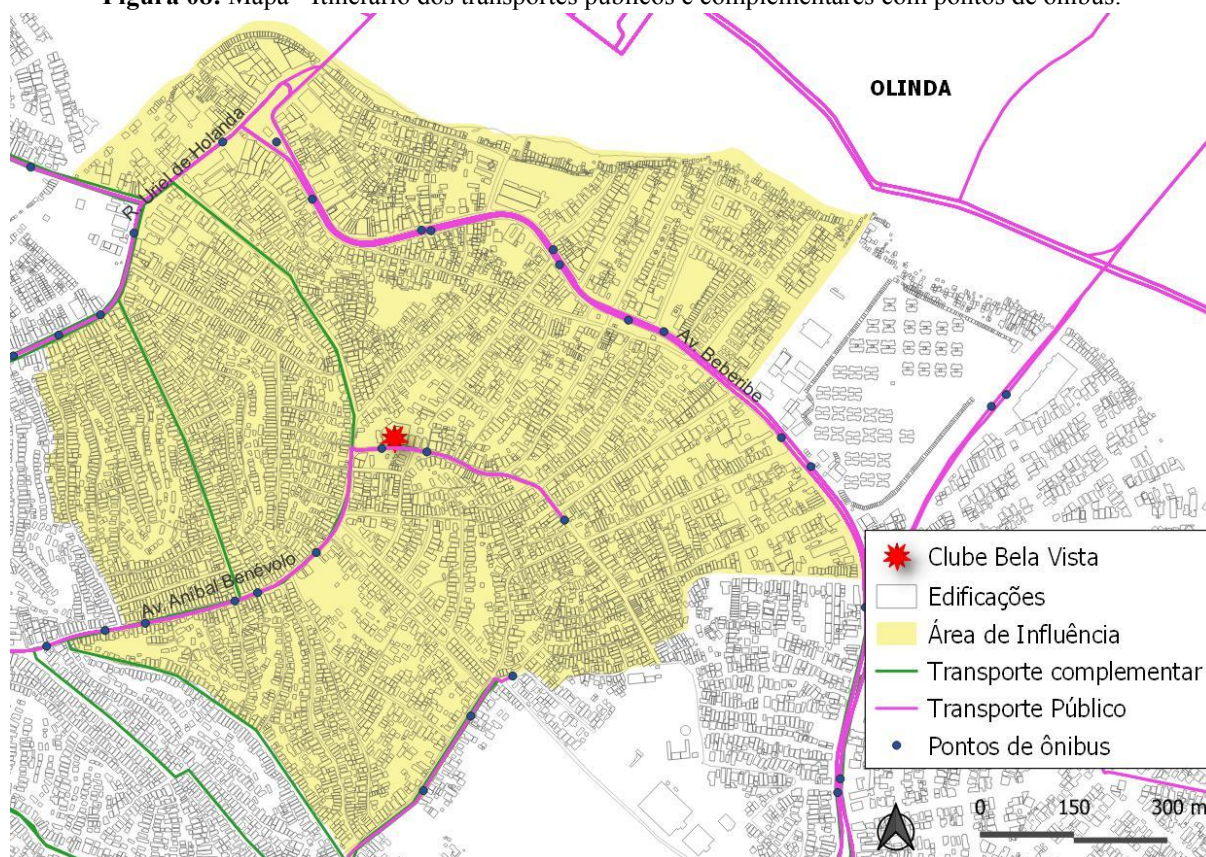
Figura 07: Mapa- Hierarquia das vias.



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da Prefeitura do Recife (2018, 2019) e IBGE (2010).

Em virtude da presença de conjuntos de morros, percebe-se a ocorrência de muitas vias locais formadas por escadas ou “escadarias”, como é popularmente conhecido. Isso evidencia, ainda, o fato de que boa parte deste território só pode ser acessado por pessoas caminhando, sem a possibilidade de utilização de qualquer modal. O Clube Bela Vista localiza-se no topo do morro, em uma via local, chamada de Av. Aníbal Benévolo. Apesar disso, o acesso ao clube é fácil, é possível chegar a pé, de automóvel ou transporte coletivo.

Figura 08: Mapa - Itinerário dos transportes públicos e complementares com pontos de ônibus.



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados disponibilizados pela Prefeitura do Recife (2019, 2020) e IBGE (2010).

Segundo dados da Prefeitura do Recife de 2020, 28 linhas de ônibus do transporte público contemplam o recorte com seu itinerário, a maioria dessas linhas tem ponto de retorno no centro da cidade ou no bairro do Derby, sendo 25 delas nos itinerários de ida e volta. Há, ainda, 3 linhas de transporte complementar interbairro, apenas um deles com itinerário ida e volta contemplando o recorte. Além disso, existe um ponto de ônibus em frente ao clube, o que facilita a chegada e partida dos visitantes, entretanto apenas dessas 6 linhas de transporte público contemplam este ponto de ônibus.

3.1.4 Cheios e Vazios

Figura 09: Mapa - Cheios e Vazios.



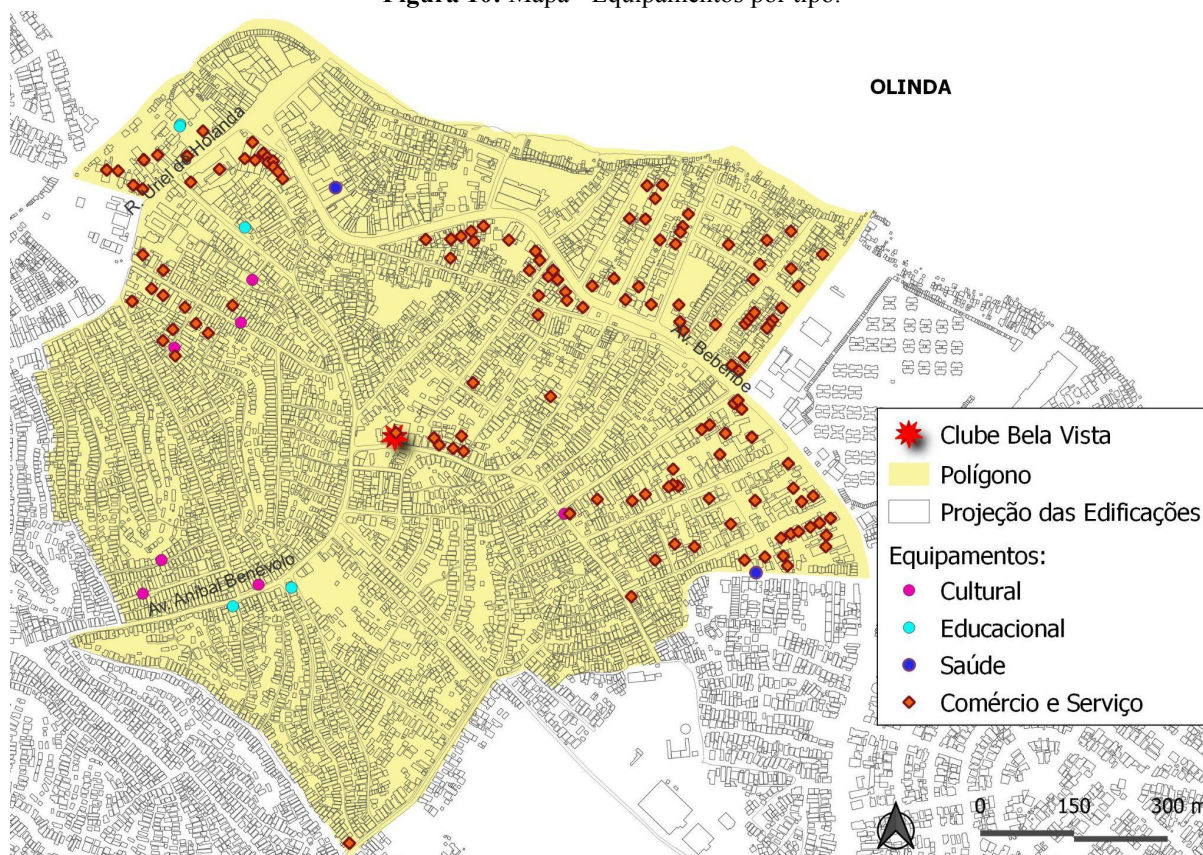
Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados disponibilizados pela Prefeitura do Recife (2019) e IBGE (2010).

A partir da construção de um mapa figura-fundo, destacando a projeção das edificações dentre a malha urbana existente, torna-se possível tecer alguns comentários sobre a densidade de área construída, ou seja, a relação entre o total de área construída, levando em consideração apenas a projeção das edificações, e a área do polígono urbano de influência definido por esta pesquisa. Sabe-se que o polígono de interesse desta pesquisa tem 1,08 Km² de área total e a área construída tem 0,493 Km², representando 45,64% de ocupação da área.

Percebe-se que a maior parte das áreas ditas “vazias”, ou não construídas, se concentram no interior das quadras, levando a crer que são áreas de uso privativo, correspondentes aos “quintais” das edificações. Vale mencionar, que a área é densamente ocupada, com concentração de edificações ao longo das vias, destacam-se as ocupações ao longo da Av. Aníbal Benévolo e das quadras ao noroeste da mesma, que possuem, visualmente, a maior concentração de edificações construídas e espaços vazios escassos.

3.1.5 Equipamentos públicos, comerciais e culturais.

Figura 10: Mapa - Equipamentos por tipo.



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados disponibilizados pela Prefeitura do Recife (2018b, 2019) e IBGE (2010).

Do ponto de vista dos equipamentos, o polígono de interesse desta pesquisa apresenta uma pequena variedade de tipos, existem dois equipamentos públicos de saúde, de pequeno porte; cinco equipamentos educacionais, sendo escolas municipais e estaduais; e sete equipamentos culturais, como Troças carnavalescas e Tribos tradicionais.

A maior parte deles são de carácter comercial ou prestação de serviços privados, segundo o levantamento feito pela Prefeitura do Recife, existem 246 unidades de comércio e serviços formais na área. Entretanto, este número não abrange atividades de comércio informal permanentes ou temporárias. Segundo relatos, a atração de atividades de comércio informal é algo previsto pela administração do Clube Bela Vista, entendida como um benefício à comunidade do entorno.

“Sim, quando nós temos festas de porte médio a grande, então, a comunidade instala suas barraquinhas na frente como um meio de renda a mais. E também, existem as mercearias que vendem mais dia de festa, né? As pessoas querem tomar uma

Caninha lá fora, vai e corre toma ali, toma. E o comércio funciona mais.” (João Batista, Clube Bela Vista, informação verbal, 2023)

Ainda sobre a noção de Lefebvre (2016), o autor enxerga a festa como o momento de consumo improdutivo do espaço urbano, é na festa que o excedente coletivo se esvai. Entretanto, este paradoxo entre a festa e a produção é limitada e tende a desconsiderar essas manifestações espontâneas, como comércio informal, muito comum nas periferias e nas fronteiras de eventos privados. Nos arredores do Clube Bela Vista é possível perceber manifestações de comércio informal, que se apoiam nos momentos de festa, para atrair consumidores.

Figura 11 : Comércio informal nos arredores do clube.



Fonte: De autoria própria.

3.1.6 Caracterização Socioeconômica

Baseando-se nos dados do censo de 2010 realizado pelo IBGE, buscou-se caracterizar a realidade socioeconômica da área de interesse desta pesquisa. Inicialmente, pontua-se que o

recorte tem 21.509 habitantes sendo, 29,88% (6.428) dos habitantes autodeclarados brancos, 10,21% (2.198) dos habitantes autodeclarados pretos, 58,66% (12.619) dos habitantes autodeclarados pardos, 1,10% (237) autodeclarados amarelos e apenas 0,125% (27) dos habitantes autodeclarados indígenas.

Há o total de 6.286 unidades habitacionais particulares e coletivas, sendo 6.276 unidades registradas como domicílios particulares permanentes e portando, 10 unidades habitacionais coletivas. A média do número de moradores por unidade habitacional é de 3,44 moradores.

Sabe-se, ainda, que o número de pessoas responsáveis por domicílios coletivos e particulares é de 6286, sendo 5140 com rendimento positivo. O rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis era de R\$584,81. Segundo a lei 12.255/2010, o valor determinado por lei para o salário mínimo em 2010 era de R\$510,00.

3.1.7 Plano Diretor e LOUS

Entende-se que o ambiente urbano é resultado da interação entre o ambiente natural e o ambiente construído, dessa forma existem instrumentos que buscam regular e equilibrar essa relação, O Plano Diretor do Recife é umas das legislações mais importantes e tem como objetivo:

“(...) promover e assegurar o bem-estar e a boa a qualidade de vida de todos os seus habitantes, o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade, o cumprimento da função social da propriedade e o uso socialmente justo, ecologicamente equilibrado e diversificado de seu território, observadas as diretrizes gerais nacionais para a política urbana e ambiental estabelecidas na legislação própria.” (Prefeitura do Recife, 2021)

Segundo o Plano Diretor do Recife, a área estudada nesta pesquisa insere-se em uma Zona Especial de Interesse Social (ZEIS), denominadas enquanto áreas de assentamentos habitacionais de populações de baixa renda surgidos espontaneamente. O polígono de interesse desta pesquisa está inserido na ZEIS Casa Amarela, que corresponde à incidência de uma ZEIS 1 . As ZEIS 1 tem como principais objetivos:

“I - reconhecer o direito à cidade das comunidades instaladas;

II - priorizar investimentos que garantam condições adequadas de habitabilidade aos moradores, com parâmetros diferenciados em função de suas características socioeconômicas, morfológicas e tipológicas, e de condicionantes ambientais do território onde estão inseridas; III - promover a regularização urbanística e fundiária; IV - inibir a especulação imobiliária e comercial sobre os imóveis situados nessas áreas.

V- promover a instalação de equipamentos e implantação de espaços coletivos.”
(Prefeitura do Recife, 2021).

Por se tratar de uma ZEIS localizada nos morros, a área apresenta coeficientes de aproveitamentos específicos e menores, comparados a outras áreas da cidade. O coeficiente de aproveitamento mínimo é 0,3, o coeficiente de aproveitamento é 1,0 e o coeficiente de aproveitamento máximo é 2,0. É possível inferir que o objetivo é não incentivar a ocupação e verticalização na área, tendo em vista suas condições geográficas específicas.

Desta Forma, a fim de construir uma matriz síntese a partir dos resultados coletados nas análises em cada escala, entende-se que na escala urbana há a incidência de duas das categorias provenientes do referencial teórico desta pesquisa. Na escala urbana, as dinâmicas geradas pelo Clube Bela Vista, se relacionam com a infraestrutura existente de forma a atraírem dinâmicas de consumo de bens e serviços, de mobilidade e infraestruturas viárias, que geram impactos positivos para o seu entorno imediato, bem como, promovem o “consumo” do espaço urbano.

Quadro 05 - Matriz dos resultados escala urbana.

Categorias		Escala Urbana
Gomes (2004)	“Em síntese, entendo o lazer como uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo.”	
Magnani (2003)	“Pedaço”	
Canuto (2016)	“A festa, assim, aparece como uma operação propositiva e transformadora, de criação, de produção de subjetividades coletivas”	
Durkheim (1968)	“superação das distâncias entre os indivíduos”	
	“a produção de um estado de efervescência coletiva”	
	“transgressão das normas coletivas”	

Galera (2019)	(...) um exercício radicalmente democrático em que, por meio da multidão, de conflitos, de processos de auto-organização, tentando superar a dicotomia do sagrado e do profano, do público e do privado, do corpo e da alma, com o riso encarnado nos corpos e nos espaços, produzir-se-ia uma cidade com maior humanidade, presença e afetos.”	
Lefebvre (2016)	“O uso principal da cidade, isto é, das ruas, praças, dos edifícios e dos monumentos, é a festa (que consome, improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro) ”	x
Souza (2010)	“Elemento Urbanizador;”	x
Choay (2006)	“sociedade lazer e o turismo cultural”	

Fonte: Elaboração própria.

3.2 Escala Local

Nesta pesquisa, a compreensão do lazer e da festa são entendidos como pontos de partida para a compreensão das multidimensões de um objeto empírico. Entende-se que é através da promoção de lazer e principalmente dos momentos de festa que o clube se coloca enquanto gerador de novas dinâmicas sociais e urbanas e dessa forma, enquanto produtor da cidade. A primeira vista, facilmente, percebe-se esse clube enquanto um espaço de lazer (Pellegrin, 2004 - quadro 04), contudo, apoia-se na leitura de Santos (2007) para a compreensão da atuação deste clube inserido em um “lugar socioeconômico” (quadro 04) de uma comunidade da periferia da zona norte do Recife e como tal, absorve e é absorvido pelas questões desse lugar e, portanto, manifesta em sua atuação esforços e limitações em produzir uma sociedade mais justa e democrática.

Debruça-se sobre o entendimento de sua atuação em escala, primordialmente, local, entendida através das atividades assistencialistas, as festas inseridas no cotidiano do bairro e das pessoas e das relações estabelecidas entre atores envolvidos com o funcionamento, gestão e criação do clube. Este tópico, portanto, tem como objetivo situar o papel do Clube Bela Vista a partir de uma escala local, para tanto pretende-se analisar as informações orais, provenientes de entrevistas, a partir da ótica das categorias provenientes dos autores Gomes (2004), Magnani (2003), Canuto (2016), Durkheim (1968), Galera (2019) e Lefebvre (2016) (quadro 03) para a compreensão de sua atuação.

3.2.1 As festas e os vínculos

Para Magnani (2003), o lazer é parte integrante da vida cotidiana das pessoas. Nesse sentido, a festa inserida no cotidiano do bairro, se coloca como o lugar de trocas entre os indivíduos, lugar de vivências socioculturais e apropriação do espaço urbano. “O cotidiano surge, então, como um espaço de possibilidades, espaço vivido. É nele que está a alienação da vida moderna, mas também é a partir dele que a consciência e, conseqüentemente, a participação pode emergir” (Souza, 2010).

Enquanto um equipamento localizado em uma periferia, o Clube Bela Vista, reproduz a lógica de sociabilidade própria do lugar em que está inserido, assim, valorizam-se as redes formadas por laços de parentesco, vizinhança e origem. Nesse sentido, cabe destacar que desde o seu surgimento, o clube se coloca enquanto um ambiente intimamente relacionado à moradia e aos relacionamentos, seus fundadores eram amigos e moradores da mesma vizinhança. Esse caráter de proximidade e identificação é algo que permeia toda a estrutura de funcionamento do clube até os dias de hoje, todos os atores envolvidos na gestão, os trabalhadores, os associados, e boa parte dos frequentadores, estabelecem uma relação de proximidade, inicialmente espacial, com o clube, são ou eram moradores de seus arredores, se reconhecem e estabelecem vínculos uns com os outros.

A partir de Magnani (2003), é possível perceber que esse tipo de sociabilidade é característico da categoria de “Pedaço” (quadro 03). Segundo o autor, “O pedaço, é o lugar dos *colegas*, dos *chegados*. Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vem, do que gostam e do que se pode ou não fazer” (Magnani, 2003 p. 12). Percebe-se que na escala local, o reconhecimento é um caráter importante de atuação do clube, ainda que o “de fora” seja bem vindo e bem recebido, valoriza-se o “conhecido”.

“Os associados, normalmente, é do entorno da comunidade. Para que ele seja sócio, um dos pré requisitos, é que ele conheça um diretor. “Mas eu não conheço nenhum diretor”. Sim. Você vai conhecer. Vai mostrar ao diretor, tal. Então, a gente vai conhecer o perfil do associado. Eu digo assim, para que a gente não bote todo tipo de pessoa.”(João Batista, Clube Bela Vista, informação verbal, 2023)

Na lógica urbana, o “Pedaço” designa o papel de intermediar o espaço privado (a casa) e o espaço público (a cidade formal). Sabe-se que o “pedaço” não constitui uma unidade

espacial delimitada, contudo, nesta pesquisa entende-se ele se dá através das relações estabelecidas, mas também através da apropriação do espaço físico do Clube Bela Vista pelos indivíduos, nesse sentido, cabe mencionar que o clube tem como ação regular a distribuição de ingressos para a população de baixa renda do entorno, pois “o fato de alguém estar desempregado não significa que deixa de ser filho de fulano, irmão de sicrano, colega ou “chegado” a beltrano [...] Pertencer ao “pedaço” significa ser reconhecido em qualquer circunstância.” (Magnani, 2003 p.116)

“A outra parte que a gente faz na comunidade. Normalmente, nós temos eventos. E os eventos eu distribuo o convite para eles, entendeu? À própria comunidade, aqui você pode observar. E eu estipulo um horário para ele. Para que não entre todo horário, não é? Assim, a gente abre a casa normalmente às 16 horas, então, até às 18 horas, ele tem um convite. Quando eu faço a Manhã de sol, meio-dia até às 14 horas, ele tem o convite que ele pode entrar, entendeu? E depois, aí tem a bilheteria, que também é um preço popular.” (João Batista, Clube Bela Vista, informação verbal, 2023)

Conforme o que expõe Lefebvre (2016) (quadro 03), o direito à apropriação está implicado no direito à cidade, nesse sentido, o direito ao consumo da festa, enquanto bem cultural, por meio de ingressos gratuitos ou preços acessíveis, se constitui enquanto uma ação de fortalecimento a cidadania e participação social. Em colaboração com as noções de Lefebvre(2016), Gomes (2004) (quadro 03) entende que o lazer se constitui através da vivência lúdica de manifestações culturais e portanto, garantir o acesso a um equipamento de lazer é uma forma de garantir essa vivência, pois “a relação com o espaço se faz presente no instante de sua apropriação, quando o corpo se estende para além de seus limites” (Souza, 2010)

Figura 12: Convite distribuído gratuitamente para a comunidade do entorno.



Fonte: De autoria própria.

Nas noções de Durkheim (1968), o Clube Bela Vista cumpre a função de promover a superação das distâncias entre os indivíduos (quadro 03), assim como, é capaz de produzir um estado de efervescência coletiva (quadro 03). Entretanto, assim como revela Galera (2019), o conflito é um aspecto inerente à festa (quadro 03), isso porque escancara as diferenças, promove a superação do indivíduo em nome da coletividade e nesse sentido, democratiza os espaços. Os conflitos são uma realidade em um espaço que promove a democratização dos acessos, a receptividade ao diferente mas a valorização do conhecido como o Clube Bela Vista, ressalta-se aqui a capacidade de intermédio desses conflitos.

Figura 13: Pessoas dançando durante a festa.



Fonte: De autoria própria.

Em sua entrevista, Romildo Andrade relata um momento de conflito entre frequentadores do clube que, aparentemente, compartilham de realidades financeiras diferentes.

“ “não, pessoa tudo cheiroso, a mulher tudo limpa, um cara daquele ali dançando”. Eu digo “O senhor tá aqui, viu alguma coisa que ele fizesse agressiva que viesse prejudicar alguém? Olhe, todo mundo é capaz de passar quando a casa tá cheia. Eu sei que tudo o que o senhor disse sobre o Bela Vista é verdade, mas o senhor tem que entender também que o Bela Vista não é da elite não, o Bela Vista é um clube de periferia, aqui é bairro de pobre e o sol nasceu para todos, todos têm o mesmo direito.” (Romildo Andrade, Clube Bela Vista, informação verbal, 2023)

Percebe-se que apesar da realidade social desigual, cheia de contrastes e discrepâncias, o clube se posiciona enquanto um mitigador dessas diferenças, enquanto um mediador de conflitos e garantidor de vivências. Portanto, de acordo com as noções de Galera (2019), percebe-se um esforço em superar as noções de público e privado, de corpo e de alma, em

superar conflitos e desigualdades, sendo, assim, possível inferir seu caráter de espaço radicalmente democrático.

3.2.2 O Clube de Mães

O Clube de Mães é uma atividade desenvolvida pelo Clube Bela Vista com o objetivo de promover ações assistencialistas para mulheres da comunidade e do entorno. Esta é uma ação ativa há uma média de 20 anos, que promove o sorteio de cestas básicas, palestras e capacitações. Apesar de ser uma iniciativa de toda a direção do Clube Bela Vista, o Clube de Mães funciona com a coordenação apenas de mulheres, sendo 1 coordenadora, 1 vice coordenadora e 4 mães líderes, mulheres que auxiliam nos encontros.

As reuniões do Clube de Mães acontecem mensalmente, sempre na primeira terça feira de cada mês e na ocasião são sorteadas uma média de 20 cestas básicas, advindas do dinheiro do faturamento do clube. Segundo a coordenação, antes da pandemia de covid-19 havia o total de 176 mulheres cadastradas que frequentavam regularmente o Clube de Mães. Entretanto, durante a pandemia, as atividades foram paralisadas e os encontros só retomaram em fevereiro de 2023, com uma enorme evasão, e por isso não se sabe o número exato de mulheres que se mantêm participando das reuniões. A divulgação da volta das atividades do Clube de Mães é feita no “boca a boca” e portanto, não se sabe quantas dessas mulheres estão cientes da volta das atividades; Há, ainda, relatos de que houveram muitas perdas, devido a mortes causadas por covid-19, por isso, a cada reunião, o número de mulheres presentes varia e os dados, relativo ao número atual de beneficiadas, ainda não foram atualizados.

Figura 14: Reunião do Clube de Mães.



Fonte: De autoria própria.

As reuniões começam com a construção da ata de presença, as mães apresentam um cartão de identificação criado pelo clube e assinam a ata que será usada para o sorteio das cestas básicas. Posteriormente, todos os presentes são convidados a se levantarem, rezam o Pai Nosso e cantam a oração de São Francisco. A coordenadora do Clube de Mães, dona Ruth, inicia a fala com alguns avisos e alertas, esse é um momento de orientação e muitas vezes utilizado para ações de conscientização. Na reunião do dia 04 de abril de 2023, as pautas foram: a vacinação contra covid-19 e alerta para moradores que moram em áreas afetadas pelas chuvas.

Segundo a coordenadora do Clube de Mães, dona Ruth, tanto as orações, quanto os avisos, são uma forma de orientar as jovens presentes. Na visão dela, essa é uma forma de combater a criminalidade e orientar a juventude para o futuro.

“ O que a gente tá vendo da juventude? Não agravando a todos, mas a juventude está se perdendo, viciada pelos traficantes, porque aqui existe. Aí, a gente vê essa

situação. E eu vejo hoje em dia as mães soltando as crianças no meio de traficantes, dessas “bulineira” por aí. E virando o que? É por isso que eu sempre falo “leve sua criança pra igreja, faça isso, faça aquilo”.” (Ruth, Clube Bela Vista, informação verbal, 2023)

Conforme afirma Galera (2019), “a vida religiosa é um fator importante de organização do território e tem em suas células um local de assistência, onde se constituem outras formas de poder.” Retomando Santos (2007) (quadro 04), percebe-se que o lugar onde está inserido determina as demandas a serem atendidas por um equipamento, desta forma o lugar da festa é também o lugar do contato com o sagrado e a religiosidade, o lugar da assistência e da orientação, em resposta às questões sociais postas neste lugar.

Dando continuidade a reunião, inicia-se o sorteio das cestas básicas. São retirados números impressos em pequenos pedaços de papel de um saquinho, os números são correspondentes a ordem de chegada das beneficiadas e são anunciados, um a um, os nomes das sorteadas, até que todas as cestas tenham sido entregues. Há, ainda, a distribuição de alguns sacos com alimentos para algumas mais necessitadas e que não foram contempladas nos sorteios. Ao final, todos se despedem para se encontrar dali há um mês.

Figura 15: Coordenadora do Clube de Mães lendo orientações.



Fonte: De autoria própria.

Segundo relatos, o Clube de Mães já promoveu cursos de artesanato com EVA, com garrafa Pet e até curso de culinária afro, o intuito era sempre ensinar atividades que pudessem ser utilizadas como uma forma de adquirir uma renda, por parte dessas mulheres. Entretanto, nos últimos anos, a gestão aponta para o fato de a criação de uma unidade do Compaz (Centro Comunitário da Paz) nas proximidades, à dificuldade de órgãos do governo e da prefeitura em promover ações nas instalações do Clube Bela Vista, ficando, portanto, a cargo do próprio clube custear tais iniciativas e por isso, limitando as iniciativas ao orçamento do clube.

Percebe-se, portanto, um esforço em se relacionar de outra forma com o lugar em que está inserido, a festa é o argumento inicial, entretanto, existe, ainda, a aproximação, o estabelecimento de vínculos, o assistencialismo, a orientação, camadas que só aparecem quando se vê este objeto com um olhar mais próximo, um olhar mais local. Através de Canuto (2016) (quadro 03), é possível perceber o caráter propositivo e transformador que esse espaço desempenha, atuando também na formação moral e de subjetividades coletivas. Com base

nas noções de Galera (2019) (quadro 03), é possível perceber que o caminho traçado até aqui aponta para processos de auto-organização, para a superação da dicotomia entre sagrado e profano, entre público e privado, com dança, com assistência e orientação e portanto, para um espaço mais humano e justo, com vínculos e afetos.

Quadro 06 - Matriz dos resultados escala local.

Categorias		Escala Local
Gomes (2004)	“Em síntese, entendo o lazer como uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo.”	x
Magnani (2003)	“Pedaço”	x
Canuto (2016)	“A festa, assim, aparece como uma operação propositiva e transformadora, de criação, de produção de subjetividades coletivas”	x
Durkheim (1968)	“superação das distâncias entre os indivíduos”	x
	“a produção de um estado de efervescência coletiva”	x
	“transgressão das normas coletivas”	
Galera (2019)	(...) um exercício radicalmente democrático em que, por meio da multidão, de conflitos, de processos de auto-organização, tentando superar a dicotomia do sagrado e do profano, do público e do privado, do corpo e da alma, com o riso encarnado nos corpos e nos espaços, produzir-se-ia uma cidade com maior humanidade, presença e afetos.”	x
Lefebvre (2016)	“O uso principal da cidade, isto é, das ruas, praças, dos edifícios e dos monumentos, é a festa (que consome, improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro) ”	
Souza (2010)	“Elemento Urbanizador;”	
Choay (2006)	“sociedade lazer e o turismo cultural”	

Fonte: Elaboração própria.

3.3 Escala Regional

Como esse clube aparece para o mundo? Essa é uma questão a se discutir quando se pensa na escala regional do objeto aqui estudado e nas relações que ele estabelece com o excedente econômico. Como já mencionado, a festa tornou-se um bem cultural de consumo

rápido, em conformidade com as regras de acumulação capitalistas deste tempo, dessa forma, a valorização da cultura se estabelece a partir do incentivo ao consumo, isso se dá pelo fato de “a cultura ter se transformado em objeto de consumo, assim como qualquer outro.” (Souza, 2010)

Nesse sentido, é possível inferir que a divulgação na mídia e os investimentos públicos ou privados são importantes termômetros, onde é possível compreender as tendências de valorização dos equipamentos culturais, pois “a mídia acaba por mediar relações internas à própria sociedade” (Canuto, 2016). Percebe-se uma tendência de valorização que aponta para alçar esses equipamentos à atrativos turísticos, apontado por Choay (2006) como um sintoma da “sociedade do lazer”. Dessa forma, buscou-se verificar através de matérias de jornal, notícias, participação em programas de investimentos, relatos orais dos entrevistados e apoiado ao referencial teórico desta pesquisa, qual o papel do Clube Bela Vista na escala regional.

3.3.1 A Festa da Família Cubana

A fim de entender como o Clube Bela Vista aparece para o mundo, debruça-se na compreensão da Festa da Família Cubana, ou simplesmente “Noite Cubana”, como é popularmente conhecida. A compreensão dessa festa é importante pois, nas entrevistas realizadas, percebe-se que essa festa é considerada como o “carro chefe” da programação rotineira do clube, concomitante a isso a Noite Cubana é também alvo de muitas reportagens e matérias de jornal. Vale salientar, no entanto, que não é objetivo desta pesquisa atestar a autenticidade do título “Cubana”. Sabe-se que o repertório musical da festa vai além de músicas originalmente cubanas, entretanto, esse termo, no âmbito do Clube Bela Vista, tem um caráter afetivo relacionado a dois aspectos: (I) repertório musical composto por ritmos latinos e (II) o próprio evento da Noite Cubana do Clube Bela Vista. Nesse sentido, outro termo popularmente relacionado ao Clube Bela Vista e ao evento da Noite Cubana é “Cubaneiro”, que diz respeito (I) àqueles que tem gosto musical inclinado para músicas latinas e (II) àqueles que frequentam o evento da Noite Cubana do Clube Bela Vista.

Segundo Mendes (2010), os ritmos latinos teriam chegado ao Recife na década de 1950 e passaram a ser divulgados nas rádios nos anos seguintes. Apesar da divulgação, nas

décadas de 1980 e início de 1990, os ritmos latinos eram mal vistos, pois representavam o gosto da classe popular, rotulados de “cafonas”, além disso, o Brasil vivia sob as influências de um regime ditatorial Militar e os ritmos cubanos e latinos eram relacionados a anarquia e comunismo, aqueles que tinham alguma afeição a esses ritmos eram chamados de “cubaneiros”, entretanto o termo tinha um sentido pejorativo, de algo que deveria ser evitado ou repellido.

Por isso, a realização de um evento com o repertório totalmente composto de músicas latinas e chamado de “Cubana”, teve muita resistência por parte da gestão do Clube Bela Vista em ser realizado. Segundo relatos, apesar da enorme resistência, o sucesso da festa se deu desde a sua primeira realização, em 27 de setembro de 1989.

“E ele (o diretor) não queria me dar, não queria me dar porque dizia que cubana era festa de maloqueiro. E realmente, na época o pessoal era aquela anarquia - ainda tem hoje, mas mais civilizado. (...)Era um deserto aí, eu programei a festa pra iniciar às 14 horas, quando deu 12 horas já tinha gente aí na frente, em torno de umas 50 a 100.” (Romildo Andrade, Clube Bela Vista, informação verbal, 2023)

“E superlotou isso aqui e foi feita uma segunda, marcaram a segunda. E daí, teve a continuidade. E ela foi tão, assim, aconchegante e na época, pra tu ter uma idéia, eles procuravam folha de canela, a folhagem da canela, e jogavam no salão. Porque quando as pessoas pisavam, subia o aroma daquilo ali.” (João Batista, Clube Bela Vista, informação verbal, 2023)

É possível inferir, que os organizadores da “Cubana” tinham consciência da reputação negativa que um evento como esse poderia carregar consigo, entretanto, percebe-se, também um esforço em vincular esse evento a experiências positivas, como a dança com cheiro de folhagem de canela. O sucesso inicial foi determinante para a inclusão e permanência da festa, inicialmente intitulada “Cubana”, na programação do Clube. A princípio, a festa acontecia mensalmente, posteriormente, a festa passou a ser realizada duas vezes por mês. Entretanto, como explica Mendes (2010), as festas cubanas seguiram ocorrendo na periferia do Recife sem o interesse da mídia e outros grupos sociais até o século XXI.

Figura 16: Salão de dança durante a Festa da Família Cubana.



Fonte: De autoria própria.

Atualmente, o clube reconhece a festa por outro nome, motivados pelas relações de amizade e vínculos estabelecidos entre membros da gestão e frequentadores, como explica João Batista, o então diretor do clube.

“E ao longo do tempo, eles denominaram, a coisa ficou tão grande e as pessoas tudo se comunicavam uma com outra, aquela coisa toda, que se abraçavam e tudo, eles disseram “Rapaz, isso aqui é uma família”. Aí denominaram Família Cubana. Num é? O título da festa ficou: Encontro da Família Cubana.” (João Batista, Clube Bela Vista, informação verbal, 2023)

Em 2001, o Clube Bela Vista despertou o interesse da mídia pela primeira vez, através do projeto Meu Bairro é o Maior, da TV Viva vinculada ao Centro Luiz Freire. O projeto documentava manifestações culturais de bairros populares, que eram divulgadas na programação da emissora. A Noite Cubana foi retratada no episódio sobre o Alto Santa Terezinha. A partir da divulgação na tv, o Clube Bela Vista passou a atrair o interesse de

pessoas advindas de outras localidades, extrapolando a escala local ao qual estava habituado a atender.

“O documentário expandiu o conhecimento sobre a Cubana para outros grupos sociais e outras faixas etárias que surgiram ao morro buscando diversão em um lugar tranquilo e seguro cuja conduta familiar fosse a primazia de sua organização.”(Mendes, 2010)

A repercussão do documentário produzido pela TV Viva despertou o interesse do produtor cultural e apresentador do programa Sopa Diário, Roger de Renor, que na época também possuía um bar chamado Soparia do Pina, a convidar os discotecários Waldir Portugues e Edinho Jacaré a realizarem apresentações em seu bar, que desencadearam outras contratações para a dupla. As apresentações “fora de casa” serviram para consagrar o nome da dupla de discotecários como símbolos da Festa da Família Cubana, como sugere a matéria de Rachel Motta (2013) para o Jornal do Comércio intitulada “Os Reis da Cubana- Há 21 anos, Edinho Jacaré e Valdir Português mandam ver nas noites cubanas”, além de divulgar a festa em outros meios culturais e regiões da RMR.

Além de atrair visitantes de outras regiões da RMR, o Clube Bela Vista, através da Festa da Família Cubana, passou a despertar o interesse de grupos musicais regionais que têm os ritmos latinos como mote de suas produções, como a banda Academia da Berlinda, que passou a realizar alguns de seus shows no clube até os dias de hoje. Além da realização de shows, a banda produziu, ainda, uma música, chamada Bela Vista, em homenagem ao evento e aos famosos discotecários, colocando em evidência a relação de amizade e afetividade com o lugar e a festa.

Bela Vista

“Meus amigos

Edinho Jacaré

E Valdir Português

Vou fazer uma cumbia

Em homenagem a vocês

Vou pro quartel da guaracha

Não me perco no caminho

Vai passando o Arruda

Cajueiro vai chegar
 Subo o Alto Santa Terezinha
 E no Bela Vista vou dançar
 Eu vou”

(Academia da Berlinda, 2007)

Em Setembro de 2023, pós pandemia de covid-19, a banda realizou mais um show no clube, o evento ganhou grande notoriedade na mídia, o que motivou matérias como “Academia da Berlinda volta ao Clube Bela Vista com seu baile dançante, em setembro - Em noite com DJ Waldir Português, responsável pela Noite Cubana do Clube, baile começará às 22h, com ingressos à venda no Sympla”, de Juliano Muta para o Jornal Folha de Pernambuco e “Academia da Berlinda retorna ao Clube Bela Vista com o tradicional baile dançante” produzida pela equipe da revista virtual Ogrito!.

A partir da ótica das categorias advindas de Durkheim, evidencia-se o caráter agregador que a festa é capaz de ter (quadro 03), percebe-se a Festa da Família Cubana como um momento de superação da individualidade em nome do coletivo, superando as distâncias entre os indivíduos (quadro 03), através de um estado de efervescência coletiva promovido pela festa (quadro 03). Todos se encantam e se envolvem entre si e mais uma vez, os relacionamentos e vínculos aparecem como forte viés de apropriação do espaço, os “Pedaços”(Magnani, 2003) (quadro 03) são chamados de “família” e a forma própria e peculiar de vivenciar a festa vira notícia, como no recorte da matéria publicada na revista virtual Ogrito!:

“Mesmo quem não é habitué, já nas primeiras idas à Cubana, entende o porquê de a festa receber o título de “família”. Realmente, o ambiente familiar compõe toda a vivência, que promove encontros entre amigos e interessados em dançar e compartilhar a seleção musical caribenha e latino-americana apresentada por Valdir Português.” (Muniz,2023)

Em 2005, a Festa da Família Cubana foi divulgada internacionalmente através da vídeo-carta produzida por Nilton Pereira, então produtor da Tv Viva, intitulada *Desde Pernambuco hasta la Cuba*, exibida no *Festival del Caribe*, em território cubano em julho de 2005 (Mendes, 2010). A repercussão internacional culminou, 4 anos depois, na visita do grupo musical cubano Buena Vista Social Club, em um encontro promovido pela emissora de

tv Rede Globo. (Fuscaldo, 2009). Esses acontecimentos são motivos de muito orgulho por parte dos integrantes do Clube Bela Vista.

“Eu tinha um vídeo, na própria Cuba, nosso. Nós recebemos uma comitiva de Cuba aqui, na época de João Paulo (Prefeito do Recife de 2001 à 2008). Recebemos uns 50 e tantas pessoas de Cuba aqui, inclusive, Ministro lá de Cuba, da cultura, aqui junto com João Paulo na época aqui no Bela Vista. Recebemos uma homenagem de Gregório Bezerra.” (João Batista, Clube Bela Vista, informação verbal, 2023)

Durante a XIV Convenção Nacional de Solidariedade a Cuba, realizada em julho de 2006 pela Associação BrasCuba, o clube recebeu o troféu Gregório Bezerra pela divulgação da cultura cubana no Recife.

3.3.2 O clube convertido em atrativo turístico

Muitas vezes, em comunidades periféricas, percebe-se que a relação com a política ou investimentos públicos é entendida como fruto de um benefício ou um “presente” dado em nome de determinado indivíduo. Entretanto, esses investimentos podem evidenciar uma tendência ou uma intenção em valorizar determinado aspecto de atuação de um equipamento. Em 2008, o Clube Bela Vista recebeu um investimento na ordem de 90 mil, através dos projetos Turismo na Comunidade e O fuçador, desenvolvidos por uma parceria entre a Prefeitura do Recife, através da Secretaria de Turismo, a Fundação Gilberto Freyre, o Centro Brasileiro de Reciclagem e Capacitação Profissional – Cercap, o Trade Turístico de Pernambuco e patrocinadores.

“O objetivo do projeto Turismo na Comunidade é valorizar os locais freqüentados pela população, criar uma aproximação natural com o turista e promover a descoberta de atrativos turístico-culturais do Recife com uma série de ações de requalificação e reestruturação dos equipamentos.” (Recife, 2008)

O investimento tinha fins de promover uma requalificação do espaço físico do clube, bem como a capacitação dos trabalhadores. Segundo informações disponíveis no site da Prefeitura do Recife (2008), dentre as ações desenvolvidas no espaço houve a reforma e recuperação dos banheiros, a construção de um banheiro adaptado ao uso de pessoas com necessidades especiais, reforma da cozinha e da calçada de acesso ao clube, bem como a

sinalização e ambientação interna e externa do local. Na ocasião, o ministro de Estado da Cultura de Cuba, Raul Del Valle, participou da cerimônia de entrega do clube, que ocorreu em 23 de novembro de 2008. “A iniciativa municipal deu à casa um status oficial impulsionados, em grande parte, pelo mérito que a população já havia oficiosamente decretado.” (Mendes, 2010)

Em Choay (2006) é possível verificar uma tendência, por parte das instituições, em destinar investimentos para equipamentos a fim de promovê-los a produtos turísticos. Verifica-se que o projeto Turismo na comunidade é uma iniciativa que corrobora com a lógica da “sociedade lazer e turismo cultural” advinda da autora, entretanto, o título de atrativo turístico parece ter sido cunhado muito antes pela mídia e pelos frequentadores. A gestão do clube enxerga o fenômeno como uma ampliação do papel que o clube vem desempenhando desde a sua fundação.

“Na época, eu acredito, que a intenção era só dançarem mesmo, só dançar. E que, agora, foi tomando outro rumo, foi crescendo, que foi crescendo e hoje tem, assim, essa visão maior, vou dizer, uma visão macro, né? De atender a necessidade do turista, também, não é? Vem visitar, vem trazer turista para cá. E a comunidade angariar fundo, também, com os pontozinhos de comércio que botam, brincarem também.” (João Batista, Clube Bela Vista, informação verbal, 2023)

Quadro 07 - Matriz dos resultados escala ampliada.

Categorias		Escala Ampliada
Gomes (2004)	“Em síntese, entendo o lazer como uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo.”	
Magnani (2003)	“Pedaço”	x
Canuto (2016)	“A festa, assim, aparece como uma operação propositiva e transformadora, de criação, de produção de subjetividades coletivas”	
Durkheim (1968)	“superação das distâncias entre os indivíduos”	x
	“a produção de um estado de efervescência coletiva”	x
	“transgressão das normas coletivas”	

Galera (2019)	(...) um exercício radicalmente democrático em que, por meio da multidão, de conflitos, de processos de auto-organização, tentando superar a dicotomia do sagrado e do profano, do público e do privado, do corpo e da alma, com o riso encarnado nos corpos e nos espaços, produzir-se-ia uma cidade com maior humanidade, presença e afetos.”	
Lefebvre (2016)	“O uso principal da cidade, isto é, das ruas, praças, dos edifícios e dos monumentos, é a festa (que consome, improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro) ”	x
Souza (2010)	“Elemento Urbanizador;’	x
Choay (2006)	“sociedade lazer e o turismo cultural”	x

Fonte: Elaboração própria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises e perspectivas trazidas ao longo desta pesquisa são fruto de reflexões a respeito do próprio exercício da profissão do arquiteto e urbanista. Entende-se que as relações socioespaciais e como elas se desdobram no espaço urbano são componentes fundamentais dos estudos deste curso, entretanto. Buscando articular conhecimentos pouco explorados pelas disciplinas da arquitetura e do urbanismo ao longo da graduação, o trabalho se apoiou em conceitos mais comumente elaborados por disciplinas das ciências sociais. Este trabalho teve, desse modo, a intenção de exercitar um olhar que permitisse explorar um referencial teórico sobre o lazer e, principalmente, sobre a festa para entender como essa manifestação se entrelaça com o espaço urbano.

Assim, definiu-se o Clube Bela Vista enquanto objeto a ser pesquisado, por ser um equipamento urbano que se posicionava na cidade através da promoção do lazer e da festa, além disso, o clube ainda está inserido em uma realidade urbana complexa, em um periferia de morro da zona norte do Recife. Enxergá-lo através da ótica do lazer e da festa aumentou as possibilidades de compreensão dos papéis desempenhados pelo Clube e por isso, fez-se opção metodológica de analisá-lo a partir de três escalas determinadas, a escala urbana, a escala local e a escala regional e debruçar-se individualmente sob a leitura de cada uma delas.

Para atingir o objetivo e poder desenvolver a análise em três escalas, partiu-se da clássica dialética entre trabalho e lazer, onde foi possível desenvolver uma compreensão histórica do entendimento do lazer e suas manifestações na cidade. Viu-se que o tempo livre teve distintas conotações ao longo da história que determinavam como e quem tinha o direito a desfrutá-lo de iniciativa autônoma e quem estava sujeito às imposições do poderio de cada época. Foi possível perceber que as lutas trabalhistas e a associação aos direitos fundamentais foram importantes para instituir o lazer enquanto prática cotidiana, entretanto, foi a ameaça de perdê-los que abriu as portas para as produções autônomas de lazer.

Procurou-se, ainda, expandir o conceito de lazer e relacioná-lo ao conceito de festa, ancorado em autores das mais diversas linhas de pensamento como Gomes (2004), Magnani (2003), Canuto (2016), Durkheim (1968), Galera (2019), Lefebvre (2016), Souza (2010) e Choay (2006). As categorias advindas desses autores serviram de norte para compreender o objeto de estudo desta pesquisa, embora, cabe aqui admitir, que apesar da amplitude

pretendida no referencial teórico desta pesquisa, não é possível captar todo o universo de possibilidades e de apreensões que a vivência e o cotidiano possibilitam.

Ciente desta limitação, a pesquisa retomou brevemente a história do Clube Bela Vista, a fim de situar seu contexto de criação e seu repertório de atuação para posteriormente retomá-lo sob a ótica do referencial teórico. Foi possível compreender que a história desse clube é permeada por várias camadas de atuação, de reconhecimentos e de possibilidades. O clube desempenha diversas funções, que são percebidas de formas diferentes à medida em que este objeto é visto a partir de determinada escala, da mesma forma que é possível perceber papéis que transitam em todas as escalas.

Partindo desta ideia de análise multiescalar, iniciou-se a leitura a partir da construção de um diagnóstico urbanístico do entorno imediato do clube onde foi possível perceber a dinâmica urbana em que o clube está inserido e de que forma este clube pode influenciar, beneficiar e ser beneficiado pelo seu contexto. Em um segundo momento, parte-se para a compreensão da escala local, e aqui a abordagem se debruçou em costurar o que foi coletado a partir do discurso oral dos entrevistados com as categorias provenientes do referencial teórico utilizado.

Nesta escala, o foco principal foi o cotidiano e as relações desencadeadas por ele. Observou-se, fortemente, a presença e valorização dos vínculos e afetos, garantindo a leitura da lógica advinda da categoria de “Pedaço” (Magnani, 2003). Como também, observou-se ações práticas de promoção de direito à cidade e ao espaço de lazer, assim como a promoção da superação das distâncias entre os indivíduos. Compreendeu-se que a vivência é um elemento importante em se tratando de lazer e festa, mas que o conflito é parte inerente a este processo, e contudo é possível media-los como parte de um processo propositivo da criação de um espaço justo e democrático. Esta é, sobretudo, a escala do acolhimento, a escala onde se recebe o alimento que mata a fome, a orientação que forma o cidadão e a oração que alimenta a alma.

Por fim, chegou-se à escala regional motivados em dar uma resposta para a questão de “Como este clube aparece para o mundo?”. Apoiou-se no entendimento inicial de como a lógica do consumo incide sobre a festa, tornando-a um produto cultural de consumo rápido, para observar como a Festa da Família Cubana passou a despertar o interesse de outras classes

sociais, outras vizinhanças e até mesmo de outros países. Observou-se como a narrativa da mídia permeou este processo até a incidência de políticas públicas, que demonstram uma tendência na condução de equipamentos como este e que “consagraram” o clube enquanto um atrativo turístico.

A fim de clarear todo este caminho percorrido até aqui, tem-se enquanto resultado uma matriz síntese, que coloca de forma esquemática todas as categorias analisadas relacionadas a escala em que foi possível observar a sua incidência. A construção desta matriz é, na verdade, o caminho para o planejamento de espaços diversos, democráticos, coletivos, acolhedores, em que podemos ver o lazer e a festa em suas multidimensões.

Quadro 08 - Matriz síntese dos resultados

Categorias		Escala Urbana	Escala Local	Escala Ampliada
Gomes (2004)	“Em síntese, entendo o lazer como uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo.”		x	
Magnani (2003)	“Pedaço”		x	x
Canuto (2016)	“A festa, assim, aparece como uma operação propositiva e transformadora, de criação, de produção de subjetividades coletivas”		x	
Durkheim (1968)	“superação das distâncias entre os indivíduos”		x	x
	“a produção de um estado de efervescência coletiva”		x	x
	“transgressão das normas coletivas”			
Galera (2019)	(...) um exercício radicalmente democrático em que, por meio da multidão, de conflitos, de processos de auto-organização, tentando superar a dicotomia do sagrado e do profano, do público e do privado, do corpo e da alma, com o riso encarnado nos corpos e nos espaços, produzir-se-ia uma cidade com maior humanidade, presença e afetos.”		x	
Lefebvre (2016)	“O uso principal da cidade, isto é, das ruas, praças, dos edifícios e dos monumentos, é a festa (que consome, improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do	x		x

	prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro) ”			
Souza (2010)	“Elemento Urbanizador;”	x		x
Choay (2006)	“sociedade lazer e o turismo cultural”			x

Fonte: Elaboração própria.

Em meio a esta sintetização, conclui-se que o Clube Bela Vista é um equipamento comunitário, assim como, é também um espaço de lazer de grande relevância em seu entorno. O clube reflete em seus papéis desempenhados o lugar socioeconômico em que está inserido e sua atuação se propõe a garantir uma rotina de ações de lazer com engajamento e participação da comunidade, fortalecendo vínculos sociais, promovendo reconhecimentos e disseminando ações culturais, bem como, promovendo o coletivo, o encontro com o diferente, com o “de fora” , com o turista. Para além dos vínculos e conflitos implícitos no espaço de lazer e festa, o Clube é ainda, o espaço de acolhimento da comunidade, com ações que atenuam os contrastes sociais de seu entorno e promovem a inclusão e o exercício ativo da democracia.

BIBLIOGRAFIA

ALHEIROS, M. M.; SOUZA, M. Â. A.; BITOUN, J; MEDEIROS, S. M. G. M.; JÚNIOR, W. M. A. **Manual de Ocupação dos Morros da Região Metropolitana do Recife**. Fundação de Desenvolvimento Municipal FIDEM; coord. Margareth Mascarenhas Alheiros... (et al.). - Recife: Ensol, 2003.

Canuto, Frederico. **Da carnavalização do planejamento urbano para Belo Horizonte-para-guerra: da política ao político e vice-versa**. Recife. Revista Brasileira de Estudos Urbanos Regionais (online):2016.

Choay, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio** 3.ed. UNESP, São Paulo, 2006.

Couto, S. A. F. **Manual teórico e prático do parcelamento urbano**. Rio de Janeiro, Forense. 1981.

Durkheim, E. Las Formas Elementales de la vida religiosa. México: FCE - Fondo de Cultura Económica, 2012.

Fuscaldo, Christiano. **Músicos cubanos encontram fãs no Clube Bela Vista**. 08 Set de 2009. Disponível em: <<https://chrisfuscaldo.com.br/2009/09/08/musicos-cubanos-encontram-fas-no-clube-bela-vista-em-recife/>>. Acesso em: 10 Set 2023.

Galera, Izabella. **Sobre outras revoluções possíveis: O lazer e a festa como forma de resistência nas ocupações urbanas da Izidora**. Escola de Arquitetura da UFMG, 2019.

Gehl, J. (2013). **Cidade para pessoas** (2ªed.). São Paulo: Perspectiva.

Gomes, Christianne; Osorio, Esperanza; Pinto, Leila; Elizalde, Rodrigo (organizadores). **Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica**, Editora UFMG, Belo Horizonte, 2009.

Gomes, Christianne Luce. **Lazer Urbano, Contemporaneidade e Educação das Sensibilidades**. Revista Itinerarium, V.1, 2008.

Gomes, Christianne Luce. **Verbetes “Lazer - Concepções”** . In: Gomes, Christianne L. (Org). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

Lafargue, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo, SP. Veneta, 2021.

Lefebvre, Henri. **O direito à cidade**. Itapevi, SP: Nebli, 2016.

Magnani, J. G. C. **Festa no pedaço: Cultura Popular e lazer na cidade**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

Marcassa, Luciana. **Verbetes “Ócio”**. In: GOMES, Christianne L. (Org). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Marcassa, Luciana. **Verbetes “Lazer - Educação”**. In: Gomes, Christianne L. (Org). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b.

Mendes, Maria Lúcia Paulino. **A Dança que Conduz ao Céu: As produções discursivas que dão vida à Noite Cubana**. Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, 2010.

Motta, Rachel. **Os Reis da Cubana - Há 21 anos, Edinho Jacaré e Valdir Portugêns mandam ver nas noites cubanas**. *Jornal do Comércio*. 03 de março de 2013. Música. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/suplementos/arrecifes/noticia/2013/03/03/os-reis-da-cubana-75084.php>>. Acesso em: 10 de set.2023.

Muniz, Erika. 2023. **O alto é do céu, mas a noite é cubana-Há mais de 30 anos, a Noite Cubana do Clube Bela Vista, no Recife, faz sucesso embalando o público ao som de ritmos caribenhos e latinos**. *Jornal O Grito!*. 24 de abril 2023. Disponível em: <<https://revistaogrito.com/noite-cubana-bela-vista-recife-valdir-portugues/>>. Acesso em: 05 de setembro de 2023)

Padilha, Valquíria. **Verbetes “Tempo livre”**. In: GOMES, Christianne L. (Org). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Recife. **Lei complementar nº2, de 23 de abril de 2021. Institui o Plano Diretor do Município do Recife, revogando a Lei Municipal nº 17.511, de 29 de dezembro de 2008**. Disponível em: <https://planodiretor.recife.pe.gov.br/sites/default/files/inline-files/PD_2021_0.pdf>. Acesso em: 13 de set. 2023

Recife, Prefeitura da Cidade do. **João Paulo entrega Clube Bela Vista reformado**. 2008. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/2008/11/23/joao_paulo_entrega_clube_bela_vista_reformado_164795.php> Acesso em: 10 set. 2023.

Santos, Milton. **Espaço do Cidadão** 7.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

Santos, Milton. **O tempo nas cidades**. Coleção Documentos. fev., 2001.

Souza, Marcos Felipe Sudré. **A Festa e a Cidade: Experiência coletiva, poder e excedente no espaço urbano**. Escola de Arquitetura da UFMG, 2010.

topographic-map. **Mapa Topográfico do Recife**. Disponível em: <https://pt-br.topographic-map.com/map-6r951/Recife/?center=-8.01028%2C-34.9007&zoom=15&base=4>. Acesso em: 11 setembro de 2023.